



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

THAÍS POLO FERREIRA

**A INFLUÊNCIA DO GUARANI E A CULTURA DO ERVAL NA OBRA DE
HÉLIO SEREJO – uma abordagem histórico-dialetológica**

CAMPO GRANDE – MS

2019

THAÍS POLO FERREIRA

**A INFLUÊNCIA DO GUARANI E A CULTURA DO ERVAL NA OBRA DE
HÉLIO SEREJO – uma abordagem histórico-dialetológica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, elaborada sob a orientação da professora Dra. Rosângela Villa da Silva e co- orientação da professora Dra. Patrícia Graciela da Rocha.

Área de concentração: Linguística e Semiótica.

CAMPO GRANDE – MS

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que me deu a vida e a capacidade de pensar e agir sobre ela.

Aos meus pais que me ensinaram a valorizar a busca pelo conhecimento.

À minha irmã e minha vó, pelo coração sempre aberto, pelas palavras doces nos momentos de dificuldade.

Ao meu marido, Daniel, por toda a força e motivação, pela compreensão nos momentos em que me ausentei. Obrigada por todo apoio e pelo maior presente que eu poderia receber, nossa amada Marina.

À professora Dr^a Patrícia Graciela da Rocha, pela compreensão durante as disciplinas, por abraçar minha causa, pelas injeções de ânimo, compreensão durante as orientações, seu apoio transcendeu os limites do mestrado.

À professora Rosangela Villa pela orientação e contribuição para o desenvolver da pesquisa.

Aos colegas de mestrado, especialmente à Talita Galvão, Talita Matos, Laís Toledo, Yaisa Melina, Juliana Minossi, Mariana Ardnt e Bruna Zotelli por tornarem essa caminhada mais leve.

Aos professores e técnicos do curso de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelo trabalho em favor da educação e pela contribuição fundamental para minha formação.

RESUMO

O trabalho se baseia na análise da influência da Língua Guarani na escrita do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. A pesquisa se debruça na bibliografia do autor, retomando as ideias de fronteira, contatos linguísticos e regionalismo, com destaque para a obra *Caraí Ervateiro* (1990). O levantamento e a análise do léxico guarani nessas obras apontou a grande dinamicidade dessa língua e, conseqüentemente, uma produtividade relevante na obra estudada. Percebemos, dessa forma, a fidelidade de Serejo à cultura e, principalmente, ao falar local. Para a análise dos itens lexicais de origem da Língua Guarani, nos apoiamos nos pressupostos teóricos da Dialetologia, da Lexicologia e sua interface com a cultura. Observamos a dinamicidade da língua e a possibilidade de formar compostos e derivados com grande facilidade, garantindo a fácil e espontânea manifestação do pensamento e da cultura do homem do erval.

PALAVRAS-CHAVE: *Caraí Ervateiro*; Cultura do erval; Língua Guarani.

RESUMEN

Nuestro trabajo es basado en el análisis de la influencia de la Lengua Guaraní en la escritura del escritor de Mato Grosso do Sul, Hélio Serejo. La investigación se ha apoyado por toda la bibliografía del autor, retomando las ideas de frontera, contactos lingüísticos y regionalismo, con destaque para la obra Caraí Ervateiro (1990). El levantamiento y análisis de las palabras clave en esas obras apuntó la gran dinamicidad de la lengua guaraní y, consecuentemente, en la obra estudiada. Percibimos de esa forma la fidelidad de Serejo a la cultura y, principalmente, la lengua. Para el análisis de los ítems lexicales de origen de la lengua guaraní, nos apoyamos en los presupuestos teóricos de la Dialectología, de la Lexicología y su interfaz con la cultura. Observamos la dinámica de la lengua y la posibilidad de formar compuestos y derivados con gran facilidad, garantizando la fácil y espontánea manifestación del pensamiento y de la cultura del hombre del herbario.

PALABRAS CLAVE: Caraí Ervateiro; Cultura del herbario; Lengua Guaraní.

LISTA DE ABREVIACÕES

ATEMS – **A**tlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul

CE – Caraí Ervateiro

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística

IPOLE – Instituto de investigação e desenvolvimento em política linguística

LG – Língua Guarani

LE – Língua Espanhola

LP – Língua Portuguesa

MS – Mato Grosso do Sul

MT – Mato Grosso

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SUDAM – Superintendência de desenvolvimento da Amazônia

SUDECO – Superintendência de desenvolvimento do centro-oeste

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Capitania de Mato Grosso em 1802.....	19
FIGURA 2 – Mapa das principais atividades econômicas em Mato Grosso a partir de 1870	21
FIGURA 3 – Limite dos estados de MS e MT e respectivas capitais	22
FIGURA 4 – Localização da bacia do Rio do Prata, que compreende os rios Paraguai, Uruguai e Paraná	25
FIGURA 5 – Representação cartográfica do território guarani e kaiowá em Mato Grosso do Sul.....	29
FIGURA 6 – Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.....	53
FIGURA 7 – Dicionário Aurélio Eletrônico	54
FIGURA 8 - Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.....	54
FIGURA 9 - Glossário Etimológico dos Termos Geográficos, Geológicos, Botânicos, Zoológicos, Histórico e Folclórico de Origem Tupi-Guarani, Leon F. R. Clerot	56
FIGURA 10 – Tesoro de la Lengua Guarani, Antonio R. Montoya.....	57
FIGURA 11 - Léxico Guaraní: Dialeto Mbyá, Robert A. Dooley	58
FIGURA 12 – Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do Tupi, Marcos Bagno e Orlene Lúcia de Saboia Carvalho	59
FIGURA 13 – Hélio Serejo ocupando a cadeira 30 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras	61
FIGURA 14 – Capa da obra Caraí Ervateiro, de Hélio Serejo	65
FIGURA 15 – Aranha armadeira, nhandu	71
FIGURA 16 – Ema e seus filhotes	72

FIGURA 17 – Trabalhadores dos ervais, ou, caraís ervateiros	79
FIGURA 18 - Representação de tupã, o deus do trovão	89

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Palavras de origem da LG extraídas da obra Caraí Ervateiro.....	68
QUADRO 2 – Palavras de origem da LG, extraídas da obra Caraí Ervateiro, selecionadas para proceder a análise	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – A Origem de topônimos em Mato Grosso do Sul.....	78
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGUÍSTICA.....	14
1.1 OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NA REGIÃO DE FRONTEIRA DE MATO GROSSO DO SUL COM O PARAGUAI	14
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA FORMAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL	19
1.1. A DEMARCAÇÃO DAS FRONTEIRAS POLÍTICAS NA FRONTEIRA DE MATO GROSSO DO SUL COM O PARAGUAI	24
1.2. A CONTRIBUIÇÃO DO CICLO DA ERVA MATE PARA A FORMAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL	26
1.3. O GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL	30
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	36
2.1. ESTUDOS DIALETOLÓGICOS	36
2.1.1. A dialetologia dos contatos.....	37
2.1.2. Interferência Linguística	39
2.1.3. Bilinguismo.....	41
2.2. LÉXICO E CULTURA	42
2.3 REGIONALISMOS	47
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	49
3.1. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	49
3.1.1 Objetivo Geral.....	49
3.1.2 Objetivos específicos	49
3.2. PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DO CORPUS.....	49
3.3. O AUTOR	59
3.3.2 Inventário de produção	61
3.4. A OBRA	62
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	66
4.1 VARIANTES GUARANIS.....	66
4.1.1. Nhandu [nẽd'u]	69
4.1.2. Mitãrasu [mit'ẽrazu /mit'ẽresu]	73
4.1.3. Mbutu [mbut'u].....	75

4.1.4. Caá [ka'a]	78
4.1.5. Mboi [mb'oj].....	81
4.1.6. Tape [t'api].....	82
4.1.7. Cunha/cuña[k'upɐ].....	84
4.1.8. Quicé/Kyse [kis'ɛ].....	85
4.1.9. Tembi'u [tẽbi'u].....	86
4.1.10. Tupã [tup'ẽ]	87
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
 REFERÊNCIAS	93
 ANEXO A	99

INTRODUÇÃO

Ao me mudar, há oito anos, do Paraná para Mato Grosso do Sul, precisei percorrer os mais variados *tapes*, em outras palavras, passei por caminhos que apresentaram vários graus de dificuldade e, assim, concluí a Graduação em Dourados e persegui, sem prepotência, a transposição dos maiores aos menores obstáculos para a minha formação pessoal e qualificação profissional, cujo propósito centra-se no desejo e na preocupação de compartilhar experiências, construindo e compartilhando a informação com aqueles que comigo convivem e cooperam, seja no âmbito profissional, seja no social, pois, somente assim, me sinto genuinamente tributária à comunidade sul-mato-grossense.

Iniciei a carreira docente antes mesmo da conclusão do curso de Letras, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2014. Depois de formada, passei a ocupar o cargo de Professora de Língua Portuguesa e Literatura e Produção Textual na rede pública de ensino. Consequência direta: percebi, durante minha atuação na docência, o quão pouco explorada é a cultura local no âmbito escolar, quase nada se fala das obras literárias aqui produzidas.

O interesse pelas obras de Hélio Serejo teve início durante as disciplinas da professora Elza Sabino, ainda na graduação e foi alimentado pela professora Neide Araújo Castilho Teno. Ambas desenvolvem trabalhos de ímpar importância, especialmente voltadas à literatura sul-mato-grossense, na UEMS. Tive a oportunidade de trabalhar com a professora Elza em projetos de iniciação científica que resultaram em meu trabalho de conclusão de curso, todos estes com foco nas marcas de oralidade presentes na escrita de Hélio Serejo.

No programa de mestrado em Estudos de linguagens, da UFMS, no qual ingressei em 2016, tive a oportunidade de dar continuidade nas pesquisas voltadas à produção de Serejo, sob orientação das professoras Rosângela Villa e Patrícia Graciela Rocha, agora ancoradas nos pressupostos da Dialetoлогия, principalmente.

O desempenho das atividades anteriormente descritas promoveu a busca e o contato com uma variedade de saberes: ora no campo do conhecimento científico, ora do âmbito do conhecimento empírico, da experiência profissional na sala de aula da educação básica, dos intercâmbios culturais, das relações sociais, dos contatos pessoais, tudo concorrendo para uma melhor compreensão dos agentes que desencadeiam todo processo de mudanças e que me impulsionam a buscar, cada vez mais, a assimilação dos fatos resultantes dessas intervenções,

uma vez que a interação social é o pressuposto sobre o qual se assenta toda e qualquer produção humana.

A relevância do trabalho de Hélio Serejo para Mato Grosso do Sul é notória. Através de suas palavras, ele alimentou profunda admiração e curiosidade pelo cotidiano do erval, buscando cada vez mais inteirar-se das vivências desse lugar, sempre atento às histórias e os percalços do povo que compunha esse cenário, tanto que transpôs minunciosamente para sua escrita, sendo fiel à tradição, a cultura e especialmente à língua falada naquele contexto.

A obra do memorialista é, nessa perspectiva, uma fonte primária de significativo potencial analítico que pode trazer conteúdos dificilmente encontrados em outras fontes documentais, já que estas, na maioria das vezes, trazem conteúdos mais pontuais – como é o caso dos documentos oficiais. (SILVA, 2010)

Como bem afirma Anastacio (2016),

Estudar a produção de Hélio Serejo (1902 – 2012) equivale a abrir uma gaveta recheada de fotografias que não foram clicadas por quem as vê, mas, em seu verso, há impressões de quem viveu o momento, quer como fotógrafo, quer como fotografado. Assim, há referências situacionais, em específico na obra de Serejo, ao plano histórico, vinculado a acontecimentos de fronteira, Brasil – Paraguai, em um tempo de pós Guerra da Tríplice Aliança, sendo o autor sujeito do local de que fala na obra – fotógrafo e fotografado. (ANASTACIO, 2016, p. 162-163)

Neste “Balaio de bugre” de acontecimentos, Serejo surge como autor e protagonista dessa história, numa perspectiva de quem ouviu, viu e viveu. Sua significativa produção, a qual elencamos ao longo deste trabalho, fornece precioso material para que possamos recolher vestígios, pelo viés da literatura, de muitos traços da nossa identidade.

A partir desse contexto, apresentamos nesta pesquisa uma análise da obra Carai Ervateiro, do memorialista, com o objetivo de verificar no linguajar utilizado pelo autor, representativo da fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, mais especificamente da cultura do erval, a interferência lexical da língua Guarani. Fazemos isso identificando, inicialmente, as palavras de origem Guarani presentes na referida obra. Em seguida, investigamos o sentido dessas palavras considerando o contexto delas na obra e, por fim, analisamos como essas palavras sofrem modificações para adaptarem-se ao contexto linguístico e regional descrito.

O texto que segue está organizado da seguinte forma: No capítulo I – Contextualização histórico-linguística, fazemos um levantamento dos trabalhos voltados à temática da fronteira sul-mato-grossense, ao Ciclo da Erva Mate nessa região e da produção de Hélio Serejo. São apresentados ainda dados históricos que levam à compreensão sobre as condições de escrita desse escritor memorialista.

No capítulo II – Fundamentação teórica – apresentamos os pressupostos que nos orientaram e deram base para nossa pesquisa. Tratamos brevemente da Dialetologia dos contatos, da interferência linguística, do Bilinguismo, da relação ente éxico e Cultura e do Regionalismo

No capítulo III – Metodologia da pesquisa – apresentamos os caminhos percorridos no processo investigativo, bem como uma breve biografia e produção do memorialista Hélio Serejo e sua obra *Caraí Ervateiro*, corpus de nossa pesquisa. Em seguida elencamos as obras consultadas para a busca dos significados do léxico selecionado.

No capítulo IV – Análise e apresentação dos dados – trazemos a análise do léxico guarani identificado na obra *Caraí Ervateiro*.

Por fim, fazemos as considerações finais retomando as ideias centrais desenvolvidas em cada capítulo a fim de dar continuidade às reflexões que foram abertas nesta Introdução.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGUÍSTICA

1.1 OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NA REGIÃO DE FRONTEIRA DE MATO GROSSO DO SUL COM O PARAGUAI

Há vários estudos sobre a língua portuguesa falada na região de fronteira de Mato Grosso do Sul com Paraguai abordando o contato com o Guaraní, muitos deles elaborados a partir da teoria sociolinguística variacionista e outros na perspectiva dialetológica. Dentre eles, destacamos o trabalho de Reis (2013) intitulado *Variação linguística do Português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do atlas linguístico-contatual da fronteira entre Brasil/Paraguai* que teve por objeto de investigação o registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com a República do Paraguai. Dentre os objetivos da autora, encontramos a descrição das variantes diatópicas da fala dos habitantes fronteiriços; a variação da língua portuguesa em contato com o espanhol e o guarani; a identificação das influências das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada na fronteira e a descrição de aspectos lexicais da variante diatópica dos habitantes fronteiriços. A fundamentação teórico-metodológica amparou-se nos princípios da Dialetologia e da Geolinguística, em autores como Weinreich (1972), Dubois et al (1993) e Thomason (2001). O estudo registrou fatos linguísticos derivados das línguas em contato na fronteira, com variações e mudanças na dinâmica interna da língua provocada por fatores externos à língua e demonstrou também que não é possível traçar precisamente fronteiras entre variedades faladas em países vizinhos e, mais difícil ainda é fazer isso quando se trata de variedades faladas dentro do mesmo território político. Por fim, o trabalho endossa a dinamicidade da língua viva e revela o contexto plurilíngue encontrado na fronteira sul-mato-grossense entre Brasil e Paraguai.

Reis (2008) também desenvolveu o trabalho *Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS-ALiPP: marcas culturais e linguísticas na fronteira do Brasil com o Paraguai*, no qual a autora optou por um recorte temático, destacando a face dialetal da linguagem, privilegiando a fala do município de Ponta Porã (MS). As orientações teórico-metodológicas foram pautadas em autores da Dialetologia e da Geolinguística, como Thun (1998) e Aguilera (1998).

Considerado como um atlas de pequeno domínio, o ALiPP mapeou a variedade da língua falada num espaço onde se entrelaçam três idiomas: o Guaraní, o Espanhol e o Português, considerando que essa faixa fronteiriça possui características peculiares e multiculturais que ultrapassam os limites políticos-administrativos. Ela constatou que o bilinguismo imprime na fala dessa região graus distintos de complexidade, gerando expressões híbridas, criações lexicais e um sotaque marcado por influências de línguas vizinhas. A autora também se preocupou em discutir sobre a diversidade de situações que precisam ser levadas em conta, especialmente no sistema educacional das zonas de fronteira.

Martines (2014) voltou seus estudos para a cooficialização da língua Guaraní, na cidade de Tacuru - MS, destacando, a partir do ponto de vista da comunidade escolar, quais as repercussões políticas e pedagógicas dessa iniciativa na escola pesquisada. O trabalho intitulado *Populações indígenas no Mato Grosso do Sul: Um estudo sobre a cooficialização da Língua Guaraní em Tacuru/MS e seus desdobramentos políticos e pedagógicos no contexto escolar*, tem suas perspectivas teóricas ancoradas em autores como Altenhofen (2004), Calvet (2007) e Monteiro (2003). O objetivo da pesquisa centrou-se na reflexão sobre o processo de implantação da língua Guaraní no referido município, situado na parte sul de Mato Grosso do Sul, considerando a repercussão no contexto multilíngue e multicultural do lugar. Como resultado, destacou-se a dificuldade enfrentada por professores e pela comunidade escolar em executar a lei devido à falta de formação e de material didático destinado ao ensino da língua. Em contrapartida, do ponto de vista teórico, a cooficialização se configurou como um avanço em termos de políticas e planificação linguística, visto o comprometimento formal por parte da prefeitura, apoiando o ensino do Guaraní nas escolas e a utilização do idioma nos meios de comunicação do município.

Barros (2017), em sua obra *Fronteira(s) Paraguai/Brasil: narrativas sobre (de)colonialidade, culturas, línguas e identidades*, dentro do espaço da fronteira, objetivou o aprofundamento em mananciais teóricos pós-coloniais e decoloniais, resgatando a cultura, a língua e a identidade do lugar. Inserido na área da Linguística Aplicada, o aporte teórico-metodológico desse estudo apoiou-se em autores como Moita Lopes (2006) e Nicolescu (1999) ao mesmo tempo em que dialogou com autores que tratam de fronteira, contatos culturais e língua como Pratt (1999), Quijano (2005) e Oliveira (2011). Especificamente no capítulo 4: “Fronteira Paraguai/Brasil: línguas, culturas e identidades”, a autora discutiu sobre

o atual cenário da região de fronteira, abordando a manifestação e o entrelace cultural, levando à reflexão sobre as línguas faladas nesse contexto.

O trabalho de Teno (2003) intitulado *Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo*, tratou do vocabulário que constitui as obras de Serejo, com destaque à atividade extrativista da erva-mate. O *corpus* da pesquisa constitui-se de dados extraídos das obras Rodeio da Saudade (1974), Vida de Erval (1975), Os Heróis da Erva (1987), Caraí Ervateiro (1990) – também analisado aqui – e No mundo bruto dos ervais (1991). A coleta de dados iniciou-se pela leitura das fontes, seguida do levantamento das unidades lexicais, sendo consideradas as palavras nocionais – substantivos, adjetivos e verbos – e desconsiderados os vocábulos gramaticais – locuções preposicionais e conjuncionais. O programa *Concordance* auxiliou no levantamento para proceder à tabulação e classificação de todo o vocabulário. Feita a tabulação, foram selecionadas aquelas que se relacionavam de forma direta ou indireta com a atividade extrativista, que somavam um total de 1.138 palavras.

Para a sistematização dos dados, a autora ancorou-se na teoria dos campos léxicos, servindo como parâmetro organizacional a rede semântica proposta por Biderman (1981) e no conceito de campo léxico proposto por Coseriu (1977). No desenvolver do trabalho, devido à complexidade do *corpus*, ela realizou um recorte nos dados, centralizando as discussões nos aspectos antro-po-culturais, privilegiando assim os campos habitantes e atividades extrativistas.

Agrupadas as lexias em campos e subcampos, a pesquisa prosseguiu com a verificação dos significados em dicionários gerais da língua, em glossários apresentados pelo próprio Hélio Serejo e em dicionários regionalistas, bem como o levantamento dos contextos em que aparecem as lexias e o confronto entre a definição das palavras.

A autora identificou unidades lexicais de uso geral da língua, unidades consideradas regionalismos de outras regiões brasileiras e lexias classificadas como regionalismos locais. Além disso, destacou o bilinguismo na linguagem do grupo de ervateiros, considerando a situação de fronteira e o contato com o espanhol e o guarani. A pesquisadora ainda concluiu que o homem do erval possui maneiras excêntricas de representar sua realidade diária e, assim, confirmou a importância do léxico como registro e continuidade dos aspectos socioculturais de uma comunidade.

Bueno (2003) desenvolve um projeto de pesquisa contínuo voltado à produção de Serejo. Destacamos aqui dois trabalhos concebidos sob sua orientação, o primeiro é de minha autoria, publicado no ano de 2014 e intitulado *Um estudo linguístico de marcas de oralidade presentes nas obras de Hélio Serejo*, o tema gira em torno dos marcadores discursivos que compõem a obra de Serejo e teve por objetivo principal observar, descrever e analisar as marcas orais e fronteiriças nas obras *Balaio de Bugre* e *Caraí Ervateiro*, como interface de línguas em contato, para verificar o efeito de sentido causado por essas marcas nas referidas obras e analisar expressões fronteiriças que comprovem o contato linguístico como marcas da identidade sociocultural do falante.

O percurso metodológico iniciou-se pela leitura do referencial bibliográfico e algumas das obras de Serejo, entre elas foram escolhidas as supracitadas pela grande ocorrência de marcadores de oralidade. Logo em seguida realizamos o levantamento e classificação de dados apoiando-se em teóricos como Bueno (2003), Carvalho e Bueno (2011), Marcuschi (2011), Preti (2003) e Teno (2003). Finalmente, procedemos com a discussão dos resultados e assim percebemos em Serejo o resgate de um passado oral, presente no discurso humano e o controle delicadíssimo entre os fatos históricos e ficcionais. Sua habilidade narrativa é o resultado de um narrador duplo, em que a ficção e a história vão se mascarando e se revelando uma a outra. A combinação de técnicas narrativas documentais com dados fantásticos constitui outro “mérito” do estilo de Serejo, apresentando sua maturidade literária. Consideramos que a maneira simples e direta de escrita de Serejo é proposicional, o que dá mais fluidez e clareza aos fatos narrados em suas obras e descreve a simplicidade do homem fronteiriço na lida nos ervais.

Jacinto (2014), também sob a orientação de Bueno, desenvolveu o trabalho intitulado *Inovação lexical: a presença de neologismos na obra ‘Balaio de Bugre’ de Hélio Serejo, um olhar sociolinguístico*. Esse estudo objetivou levantar os neologismos, observar sua inserção no acervo lexical do português e as mudanças linguísticas que essas formas trazem para os falantes. Para tanto, elegeu-se, dentre a vasta produção de Serejo, o livro *Balaio de Bugre*. O embasamento teórico se deu em autores como Tarallo (2007), Borba (1996) e Bueno (2003) e em estudos das estruturas gramaticais da língua portuguesa. Por meio desse estudo, verificou-se que a interação entre culturas e sociedades de línguas diferentes e a necessidade comunicacional do ser humano fazem com que barreiras linguísticas sejam quebradas, acarretando as inovações lexicais, sendo que muitas dessas palavras têm uma relação

histórico-cultural ou até mesmo pessoal e interpessoal. A questão das inovações no léxico possibilita muitas pesquisas sobre contexto histórico, social, cultural, uma vez que o cenário de Mato Grosso do Sul, descrito por Serejo, é solo fértil para estudos de natureza sociolinguística e lexical.

Pacheco (2014) tratou da *Comarca oral em Hélio Serejo*, especificamente na obra *Balaio de Bugre*. O trabalho estruturou-se na análise de seis contos do livro e pautou-se em estudos sobre oralidade como o de Pacheco (1992), Carteau (2003), Zumthor (2005) e Nolasco (2010). Levou-se em consideração a relação entre narradores, a representação ficcional e a existência de uma escrita permeada pela cultura oral latino-americana. A partir desse levantamento a autora observou que o escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo criava em seus contos a ficcionalização da oralidade pertencente à cultura da América Latina, indo ao encontro da tese defendida por Pacheco (1992) que defendia a ideia da existência de uma comarca oral que nos agrega enquanto latino-americanos.

É válido citar outro trabalho publicado por Pacheco, em 2010, intitulado *Lendo Hélio Serejo e partilhando da sua literatura*. O objetivo deste texto pautou-se na divulgação da diversidade e do politeísmo de temas do autor. O *corpus* desse trabalho constitui-se da reedição de *Obras Completas* (2008), por Campestrini, e é embasado em teóricos como Fernandes (2007) e Paiva (2005). Por meio desse estudo, a autora constatou que, através da leitura de Serejo, é possível ter uma visão histórica bastante rica do que foi o período pós- guerra do Paraguai, como se deu a constituição do Estado de Mato Grosso do Sul e o desbravamento do eldorado fronteiro da terra dos ervais.

Silva (2010) realizou uma pesquisa de cunho memorialista. Da obra *Caraí* a autora extraiu elementos que possibilitam a compreensão das relações sociais estabelecidas na região de fronteira, elucidando assim, o processo educativo e a constituição da subjetividade do grupo de trabalhadores dos ervais. Sua fundamentação teórica partiu de uma perspectiva histórica embasada em Correa (1999), Centeno (2000), Golgher (2004) fazendo interlocução com autores marxistas como Fernández Enguita (1989) e Konder (2009). Trata-se de uma investigação com dados qualitativos, por meio da análise de conteúdo, obedecendo as seguintes fases: seleção das obras relacionadas ao ciclo da erva-mate; seleção dos textos que façam referência às palavras-chaves: erva-mate, erval ervateiro; divisão e organização dos textos; análise das obras e dos dados levantados. A análise realizada nesta pesquisa

possibilitou identificar que a educação constitui a subjetividade e é, também, constituída por ela.

Braucks e Barzotto (2011), no artigo *O Crioulismo de Hélio Serejo: uma representação literária do regionalismo no Mato Grosso do Sul* trazem uma noção regionalista do crioulismo na obra *Contos Crioulos* (1998), especificamente nos contos *Amor pelo Crioulismo* e *Isso também é Crioulismo*. A partir da análise embasada teoricamente em autores como Diniz e Coelho (2005) e Abdala Junior (2004), eles percebem que o crioulismo de Serejo foi forjado por meio da admiração do autor pela vida sertaneja. Os autores versam ainda sobre a paisagística, as crenças religiosas, a fauna, a flora, as expressões linguageiras e as diferentes etnias da fronteira Brasil-Paraguai.

Santos (2010) trata da relação regionalismo-literatura no artigo *Regionalismo e literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai* que teve início no livro *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense* (2008). Num diálogo da escrita de Serejo com autores como Nolasco (2008) e Ibanhes (2006), percebe-se a preocupação em divulgar a obra de Hélio Serejo através da revisão sobre Regionalismo como uma renovada categoria trans-histórica. Através de figuras como o tereré, Santos constitui a viva manifestação e atualização das práticas interculturais no Cone Sul, e de modo especial em nossa região Centro-Sul do estado de MS.

No trabalho *Viventes dos pantanais e cerrados*, Santos (2010), apoiado em teóricos como Bosi (2000), Fischer (2007) e Santos (2008), busca uma apreciação de textos e livros representativos da cultura local como *Pelas orilhas da fronteira* (1981) e formula, assim, uma análise crítico-cultural da obra de Serejo, através de uma análise contrastiva das obras desse autor e da discursivização entranhada de regionalismos e crioulismos.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA FORMAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

O processo de povoamento do território brasileiro se deu de forma distinta em cada região do país, com características bastante singulares. Na faixa Centro-Oeste do país não foi diferente: após o descobrimento e divergências nos acordos de divisa de terras,

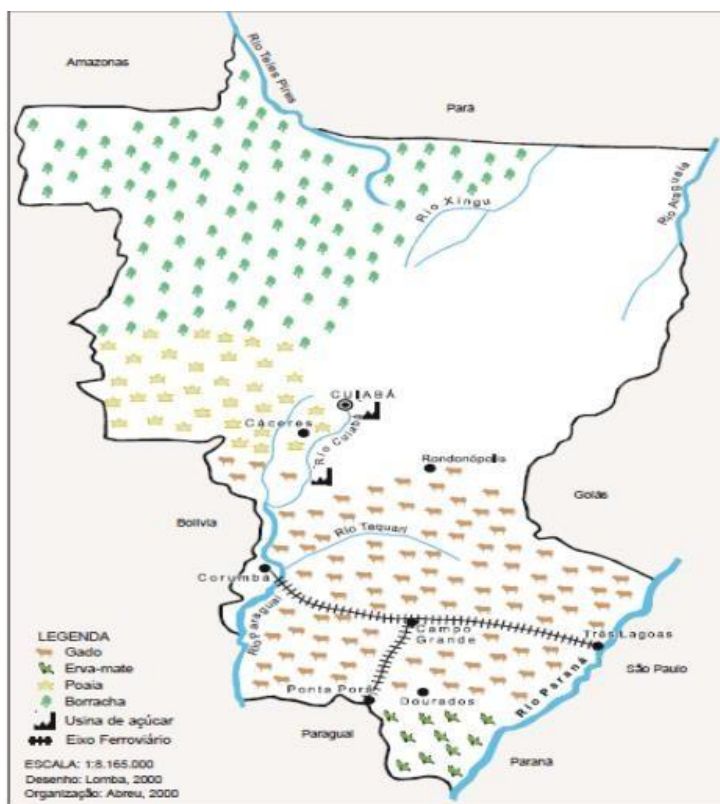
O tencionamento acontecia praticamente desde a independência do Paraguai (1811) e mais tarde do Brasil (1822), quando República e Império, respectivamente, passaram a discutir a definição das fronteiras entre os dois jovens Estados-nações. O governo brasileiro manifestava frequentemente preocupação com a integridade de seus territórios a oeste e mantinha conversações sobre o assunto com o governo paraguaio.

O governo de Carlos Antonio López não se negava a abrir a navegação do Rio Paraguai em seu país para os navios brasileiros, mas em contrapartida pleiteava um tratado que garantisse segurança às suas fronteiras. O governo do Brasil, por sua vez, considerava o Rio Apa como limite territorial, enquanto que o Paraguai tinha como divisa o Rio Branco. Se conseguisse abrir o Rio Paraguai ao comércio internacional, o Brasil poderia dinamizar o comércio fluvial, inclusive dando início a um maior aproveitamento dos ervais nativos existentes na porção meridional da então província de Mato Grosso. Com isso também ofereceria uma concorrência à altura da própria produção ervateira no Paraguai. Como a disputa não foi resolvida diplomaticamente a contento das partes, a questão territorial foi ajuntada a outros motivos que levaram à guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864- 1870). Este conflito bélico platino teve consequências nefastas à economia paraguaia e mudou a fisionomia político-territorial do antigo Mato Grosso, palco de muitas batalhas (LOBATO et al, 2010).

Como citado acima, a economia da província encontrava-se debilitada: juntamente com a abolição da escravatura, houve uma crise considerável na economia, pois o sustento da população se baseava na agricultura e pecuária, com mão de obra totalmente escrava. A fim de reestruturar de cidades e recuperar a economia, foram introduzidas novas atividades na região, destacando-se a produção de borracha e o cultivo de erva mate (ABREU, 2001).

No período republicano, inserem-se nesse contexto, as usinas de cana-de-açúcar na região central, enquanto na parte sul – que se refere nos dias atuais ao estado de Mato Grosso do Sul – amplia-se a criação de gado e o cultivo da erva mate. Tais “fronteiras” de produção são ilustradas na figura 2.

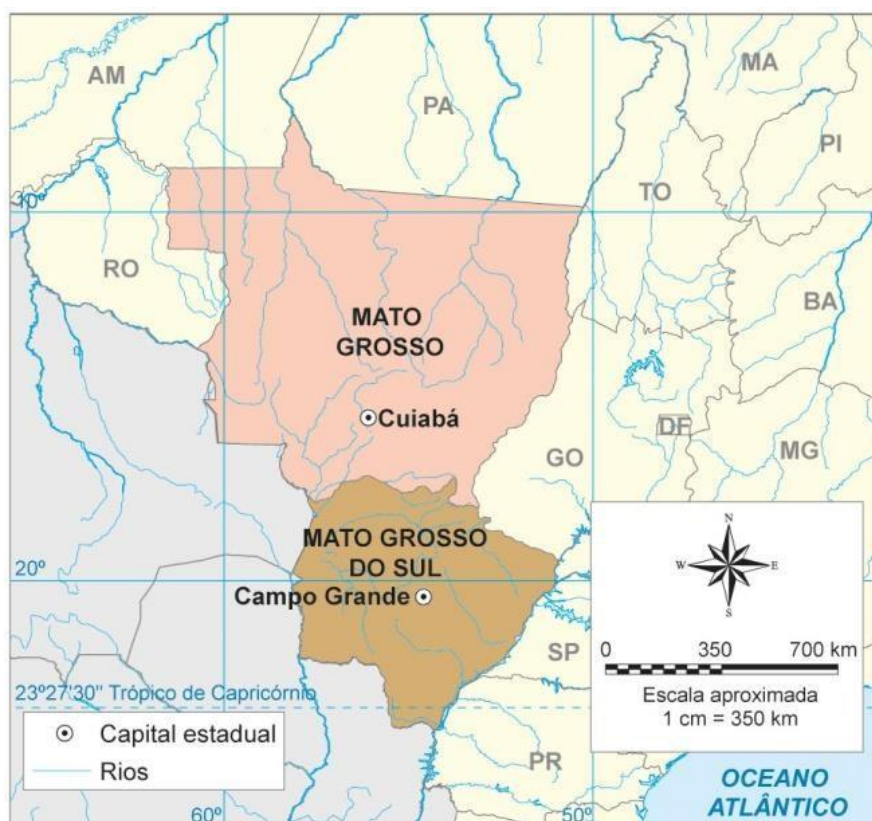
FIGURA 2 – Mapa das principais atividades econômicas em Mato Grosso a partir de 1870.



FONTE: LOBATO, et. al, 2010.

Esses limites econômicos não foram os únicos fatores favoráveis para a divisão do estado: a extensão territorial, assim como a diversidade cultural, atrapalhavam o desenvolvimento de forma igualitária, além dos interesses políticos (ABREU, 2001). O conjunto desses acontecimentos resultou na Lei Complementar nº 31, que no início da década de 1980 dividiu o estado, criando assim, o Estado de Mato Grosso do Sul (figura 3)

FIGURA 3 – Limite dos estados de MS e MT e respectivas capitais.



FONTE: Rádio Jota FM, 2017.

De acordo com Abreu (2001), a divisão do Estado tratou-se de um processo demorado e complexo, pois levou-se em consideração aspectos geográficos, como também socioeconômicos, políticos e culturais. Vale considerar que a porção Centro-Oeste do país ainda não era considerada – do ponto de vista do desenvolvimento econômico – como consolidada, uma vez que a região era qualificada como um espaço de “transição” entre o desenvolvimento emancipado no Sudeste e a aflorante fronteira de recursos da Amazônia.

A esse espaço geográfico se direcionou uma efetiva descentralização das ações de planejamento do governo brasileiro onde, para o Estado do MS, definiu-se o aprofundamento do processo agroindustrial com a possibilidade de atrair unidades industriais para efetivar a desconcentração industrial e assim, passou a integrar a SUDECO³. Já o Estado do MT, para o

³ SUDECO – Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste, autarquia criada a fim de elaborar planos de desenvolvimento nos Estados de Goiás, Mato Grosso, além de alguns municípios de Minas Gerais, exceto na área abrangida pela SUDAM, seus objetivos: a) programas, pesquisas e levantamentos do potencial econômico da região; b) fixação de pólos de crescimento capazes de induzir o desenvolvimento de áreas vizinhas; c) concentração de recursos em áreas selecionadas; d) formação de grupos populacionais estáveis; e) fixação de populações regionais; f) incentivo e amparo à agricultura, pecuária e piscicultura; g) ampliação das oportunidades de formação de mão-de-obra especializada; h) coordenação dos recursos federais, dos

qual se incrementou investimento em ocupação, passou o território do Mato Grosso a fazer parte das áreas de incentivos da SUDAM ⁴ . Tais políticas de colonização, ocupação e desenvolvimento do MT e MS, notadas a partir de projetos do governo federal, tinham como objetivos o desenvolvimento de ambos estados (ABREU, 2001).

1.2.A DEMARCAÇÃO DAS FRONTEIRAS POLÍTICAS NA FRONTEIRA DE MATO GROSSO DO SUL COM O PARAGUAI

Para discutirmos as condições em que se encontrava a fronteira sul de Mato Grosso no período estudado, faz-se necessário evidenciar o que se entende sobre essa temática e de que forma ela deve ser compreendida.

[...] a problemática da fronteira vai muito além de seus aspectos naturais e geográficos, importando muito mais a complexidade dos fatores históricos que explicam a ocupação econômica desse determinado espaço e as implicações políticas daí decorrentes. É dessa forma que devem ser tratadas as fronteiras do continente americano, que apresentam contextos e problemáticas muito diversas das fronteiras em outros pontos do mundo, pela especificidade de seus processos históricos. (CORRÊA, 1997 apud SILVA, 2010)

A fronteira, por se tratar de um espaço em que as trocas culturais e materiais ganham uma maior dimensão e por consistir, dessa forma, mais do que num limite, mas numa zona de contato, de acordo com Bhabha (2003), um “entre-lugar”, “é um espaço de transculturação, ou seja, de entrelaces culturais, tensões, improvisações linguísticas, negociações de identidades, assimilação de crenças e valores da cultura dominante” (BARROS, 2017) e, portanto, necessita ser entendida como um espaço único e historicamente constituído, formado por conflitos de interesses, de modo a apreender a sua dimensão política.

Dessa forma, a fronteira assume uma tríplice significação:

a fronteira política como limite entre unidades territoriais, a fronteira social ou identitária entre grupos, a fronteira econômica como espaço em incorporação ao mercado e relações de produção dominantes. Os três sentidos encontram-se, no caso aqui considerado, profundamente entrelaçados. (FERREIRA, 2009, p. 384)

contribuintes do setor privado e de fontes externas; i) coordenação e concentração da ação governamental nas tarefas de pesquisa, planejamento e implantação da infraestrutura econômica e social, reservando para a iniciativa privada as atividades agropecuárias, industriais, mercantis e de serviços básicos rentáveis; SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SIQUEIRA, 2009).

⁴ SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SIQUEIRA, 2009).

Devido ao processo de colonização, as fronteiras da América Latina apresentam uma particularidade, já que a sua constituição não dependeu apenas de uma expansão interna, mas também recebeu uma influência externa. Assim, compreendemos que a fronteira de MS integra um processo global de formação de fronteiras no continente americano (CORRÊA, 1997 apud SILVA, 2010). Ao realizar tal discussão, a referida autora reforça a imprescindibilidade de se conhecer a constituição das fronteiras e sua articulação com o movimento capitalista:

[...] a dimensão regional deve ser compreendida através da sua articulação com mercados inter-regionais e externos, estes compreendidos pela região platina, pressupondo a diversidade de relações internacionais com o Paraguai, com a Argentina, com a Bolívia e com o Uruguai. Tal articulação não é apenas espacial, mas, sobretudo, econômica: Mato Grosso inseriu-se na economia mercantil exportadora que, grosso modo, predominou em todas as ex-colônias americanas em estreita vinculação ao mercado mundial emergente nessa época. Em consequência, Mato Grosso, também, fez parte das relações de poder e da luta pela hegemonia do continente. (CORRÊA, 1997 apud SILVA, 2010, p. 50).

De acordo com Ferreira (2009), Mato Grosso do Sul constitui uma região de fronteira fechada, diferente de outras regiões de fronteira aberta⁵, quando considerada a fronteira em seu sentido econômico, além de ser caracterizada pela instabilidade das relações entre grupos sociais e territórios, pela multiplicidade de formas de apropriação, estruturação e utilização dos territórios e dos recursos produtivos.

Nesse cenário, a exploração dos ervais na região fez parte de um complexo movimento expansionista interno, que consistiu, conforme defende Corrêa (1997), num processo de ocupação e conquista das fronteiras internas da Bacia do Prata (Figura 4) devido à dinamicidade do mercado da época. Nesse período, houve a geração de economias monoculturais e extensivas, como citado anteriormente — vulneráveis devido à falta de diversificação e sujeitas aos altos e baixos inerentes a essas atividades e, ainda, dependentes de circunstâncias externas (como as variações de preços no mercado) ou ambientais (como secas atípicas) etc. (CORRÊA, 1997).

⁵ A fronteira aberta pode ser definida como “um espaço não-estruturado/espaço em incorporação ao espaço global fragmentado”, em que “a apropriação da terra é realizada em escala e ritmos crescentes, contudo não é total, nem uniforme, nem irreversível”. Ainda, se refere a um espaço onde “coexistem formas de organização da produção diversificadas”. Já a fronteira fechada constitui “um espaço não-estruturado em espaço estruturado/integrado àquele nacional-estatal e ao sistema mundial, e a outros processos correlatos.” (BECKER, 1990).

FIGURA 4 – Localização da bacia do Rio do Prata, que compreende os rios Paraguai, Uruguai e Paraná.



FONTE: Comitê Intergovernamental Coordenador dos Países da Bacia do Prata (CIC).

Segundo Arruda (1993), o período de exploração da erva-mate foi significativo para o processo migratório na história de Mato Grosso do Sul. O autor afirma que a origem desses “[...] trabalhadores e seu saber-fazer trouxeram certas características culturais para a região ervateira e, portanto, para Mato Grosso do Sul” (ibidem). Portanto, trataremos mais sobre esse período na seção a seguir.

1.3.A CONTRIBUIÇÃO DO CICLO DA ERVA MATE PARA A FORMAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

O movimento de exploração da erva mate provocou significativas mudanças no contexto social e político da região centro-oeste do país, pois, de acordo com Lang (1999, apud Silva, 2010), terras que antes pouco ou nada significavam para o mercado, passaram a ser exploradas. Esse movimento encontrou motivação no desenvolvimento da economia mercantil exportadora, além dos seguintes acontecimentos do período: o movimento migratório interno e externo, trazendo uma nova configuração aos núcleos populacionais; a

abolição da mão de obra escrava⁶; o regime de latifúndio, quando grandes proprietários rurais passam a atuar de forma mais influente na política regional, Corrêa (1997, apud SILVA, 2010).

O conjunto articulado desses fatores explica, em suas linhas gerais, o processo de ocupação do Sul de Mato Grosso à semelhança de outras regiões continentais: a implantação de fazendas criatórias nos Pantanaís e nos campos de Vacaria, o desenvolvimento da atividade extrativa ervateira, e os problemas decorrentes do poderoso monopólio da Companhia Matte Laranjeira [...] *na região sul do estado* (CORRÊA, 1997 apud SILVA, 2010, grifo nosso).

A exploração dos ervais nativos mato-grossenses foi uma das principais atividades econômicas de Mato Grosso no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, além de ter impulsionado o povoamento e o desenvolvimento dessa região.

Logo no pós-guerra foi constituída uma comissão mista demarcatória dos limites territoriais entre o Brasil e o Paraguai, cujos trabalhos foram realizados de 1872 a 1874. Do lado brasileiro a comissão foi composta por militares que estavam incumbidos, dentre outras coisas, a evitar qualquer agressão por parte dos indígenas aos trabalhadores.

Para Thomaz Laranjeira, ainda pouco conhecido e que havia lutado na guerra e acompanhado os trabalhos demarcatórios da comissão, coube a função de prover de mantimentos àquela campanha. Expedição juntamente com Francisco Gonçalves, mais tarde cofundador da Companhia Matte Laranjeira. No processo de demarcação de terras identificaram a existência de abundantes ervais nativos, explorados por pequenos produtores independentes, as comunidades indígenas e mais além, a seu potencial enquanto mão de obra para laboração ervateira. Dessa maneira, a área concedida à empresa se sobrepôs desde o início a territórios indígenas (OLIVEIRA, 2015).

Laranjeira utilizou-se de todos os recursos possíveis – e políticos – para que lhe fosse outorgada a concessão das terras. De acordo com Oliveira (2015), durante esse processo de autorização, Thomaz fundou uma unidade para exploração de erva no Paraguai, o que explica o perfil multinacional da companhia. Muito mais que uma empresa, a companhia Mate Laranjeira denotava um grupo sociopolítico, onde envolvidos na guerra de nas comissões demarcatórias detinham poder em ações públicas e privadas para benefício próprio.

⁶ Em Mato Grosso, no entanto, houve a exploração do trabalho compulsório – entendido aqui como “todas as formas não oficiais ou legais de escravização de mão-de-obra, trabalhos forçados e trabalho de prisioneiros de guerra” (CORRÊA, 1997) – como ocorrera nos ervais (SILVA, 2010).

Pelo Decreto Imperial nº 8.799, de 9 de dezembro de 1882, o governo central concedeu inicialmente a ele a permissão para explorar por dez anos os extensos ervais nativos encontrados em terras tidas como devolutas. Com a concessão outorgada, a sede da empresa foi transferida, em 1891, para a Fazenda Três Barras, à margem esquerda do Rio Paraguai, na região chaco-pantaneira do Brasil. Ali houve a fundação de um porto para a exportação de erva-mate cancheada, isto é, seca, triturada e pronta para o beneficiamento final. O local foi denominado Porto Murtinho em homenagem ao influente político liberal Joaquim Murtinho, que mais tarde foi ministro da fazenda no governo Campos Sales (1898-1902) (QUEIROZ, 2010).

Dessa forma foi criada a Companhia Matte Larangeira, posteriormente transferida para a cidade de Caarapó. No período republicano, Thomaz Larangeira também não encontrou dificuldades⁷: teve a autorização renovada pelo governo, fortalecendo ainda mais o vínculo entre as esferas privada e pública: onde começavam os interesses de um, terminava o do outro (ARRUDA, 1997, OLIVEIRA; ESSELIN, 2015).

Com o nome de Companhia Matte Larangeira, manteve suas atividades até 1902 e após esse período, a Larangeira, Mendes & Companhia, prosseguiu a exploração da erva-mate em Mato Grosso, bem como suas sucursais na Argentina e Paraguai, como um monopólio. A firma acreditava ter o direito de expulsar pequenos produtores estabelecidos nas áreas arrendadas, dessa forma, conflitos locais eram comuns nesse período, vivificando a usurpação de terras indígenas e a promoção da violência contra indivíduos e coletividades que pudessem significar perigo ou obstáculo ao projeto hegemônico (OLIVEIRA; ESSELIN, 2015).

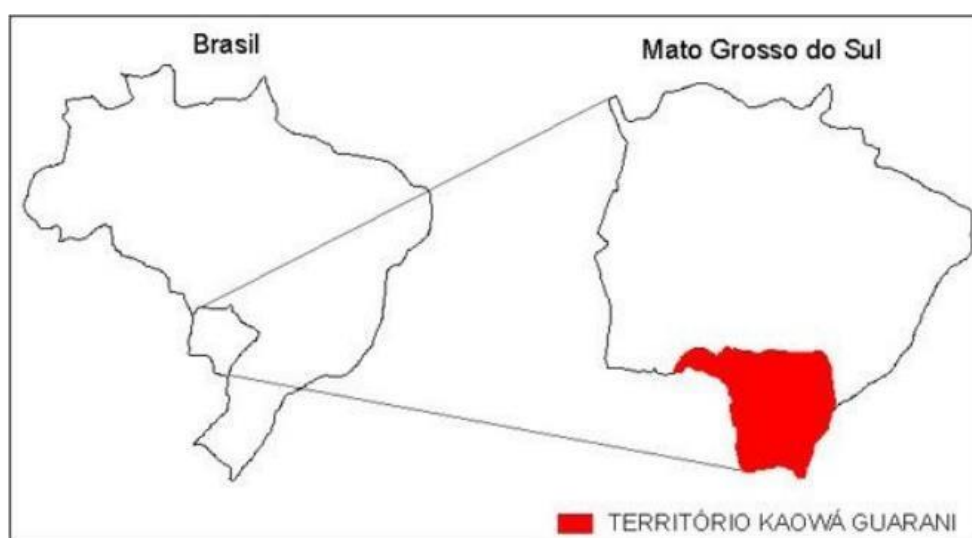
Embora fosse o maior empreendimento ervateiro na região desde a década de 1880, a empresa não conseguia manter total vigilância e exclusividade sobre vastas extensões, como no período em que gaúchos passaram a se instalar nas terras sul-mato-grossenses a fim de se tornarem independentes.

Faz-se necessário, ainda, registrar que na historiografia brasileira até os anos 1990 era predominante a tese de que o ônus do trabalho nos ervais recaiu, sobretudo ou unicamente, nos ombros de trabalhadores paraguaios. Muitos historiadores entenderam que eles teriam vindo para o antigo sul de Mato Grosso após o fim da guerra, a partir das décadas de 1870 e 1880, como se na época a população masculina fosse muito expressiva naquele país. Na

⁷ Pelo contrário, eram milhões de hectares de terras de ervais nativos, hidrografia favorável à comunicação fluvial, mão de obra de indígena com vasto conhecimento sobre o cultivo. Contavam ainda com a desorganização da produção ervateira no Paraguai em função da guerra, diminuindo assim a concorrência no mercado mundial, onde a erva-mate era um produto com grande demanda.

verdade, o fato é que a mão de obra indígena era a maior força de trabalho ali disponível no início da produção ervateira. Somou-se a ela a contribuição de trabalhadores não índios provenientes de outros lugares. Tal interpretação é corroborada através do mapa a seguir (Figura 5).

FIGURA 5 – Representação cartográfica do território guarani e kaiowá em Mato Grosso do Sul.



FONTE: SMANIOTTO (2005)

Essa influência compreende e justifica o próprio idioma guarani naquelas regiões: “A preservação do idioma foi um dos meios utilizados pelos trabalhadores para se defenderem da Matte Larangeira, preservando o seu fazer.” (ARRUDA, 1993). O autor destaca que o idioma era visto como um obstáculo à disciplina capitalista no início do Século XX, pois os trabalhadores paraguaios tinham sua própria concepção de trabalho e de utilização do seu tempo (isso ocorria com as demais categorias de trabalhadores paraguaios, não apenas os dos ervais). Tinham em seus hábitos momentos de folga, de festas, feriados, etc. Empregavam seu idioma nos instrumentos de trabalho, ranchos, tipos de erva, o que obrigava que seus patrões também aprendessem a língua.

A cultura guarani, de acordo com Arruda (1993), era encarada como um obstáculo também ao processo de civilização. Apesar das providências da empresa para mudar essa situação, os trabalhadores, por dominarem o saber-fazer, acabavam tomando sua cultura como

uma forma de resistência. Mantiveram muitos de seus costumes, que passaram aos seus descendentes e acabaram por influenciar a cultura do Estado.

Sobre o declínio da empresa, o próprio Serejo (1986) afirma que o que teria influenciado seriam: a) o aumento da produção e a melhoria na qualidade da erva argentina e b) a Nova República, com novas ideias, novos métodos, um desejo de reformulação da estrutura social, política e econômica do país. Segundo o autor, o governo do Estado concedeu à empresa um prazo para que liquidasse os seus bens, pertences de trabalho e estabelecimentos em geral. Nesse período desapropriou-se a navegação do Alto Paraná e das instalações de Guaira, no Paraná, devido à importância do porto fluvial. Algumas ranchadas cessaram sua produção, outras continuaram, até que venceu o contrato com Buenos Aires.

Segundo Centeno (2000), em 1929 houve uma separação na empresa, ficando a Argentina com a maior parte das ações. Em 1930, devido à política nacionalista de Getúlio Vargas, os sócios foram procurados para a nacionalização da empresa. Depois do fechamento da corporação, outros indígenas ainda continuaram a trabalhar nos ervais para produtores independentes até, pelo menos, a década de 1950. Trabalhar para ervateiros autônomos era algo que, aliás, ocorreu antes, durante e após o fim da empresa. De todo modo, torna-se plausível – e até mesmo irrefutável – o argumento de que trabalhadores guaranis e kaiowás são sujeitos importantes na história da economia ervateira na região.

1.4. O GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL

No século XVII começam adentrar a essas áreas os primeiros desbravadores. Esses homens eram autorizados, na época, pelo capitão paulista Antônio da Silva Caldeira Pimentel, a aprisionar e escravizar os índios que encontravam pelo caminho, com o único intuito: a mão de obra indígena, “a única riqueza disponível à época (MONTEIRO, 2003, p. 19)”.

[...] o território guarani no atual MS não foi ocupado por assentamentos estáveis de não-indígenas, senão no final do século XIX e começo do XX, época em que se iniciam os investimentos para a exploração da erva-mate, nativa e abundante na área. De fato, com o fim da guerra entre Paraguai e Brasil (1864-1870), a Companhia Mate e Laranjeira recebeu uma concessão de terras sobre uma vasta zona que se estendia do Rio das Onças e incluía os rios Dourados, Brilhante, Ivinhema, Paraná e Iguatemi, totalizando uma superfície estimada em cinco

milhões de ha. Esta concessão se superpôs integralmente sobre o território dos guarani kaiowá [...] e guarani ñandeva [...]. (AYLWIN, 2009, p. 31)

No transcorrer dos séculos, ocorreu a intensa aproximação dos brancos, de modo que o território que compreende atualmente Mato Grosso do Sul foi efetivamente explorado, tornando ainda mais difícil o isolamento dos indígenas (MONTEIRO, 2003).

Em termos linguísticos, o contato com os “civilizados”, afetou diretamente os povos. Como relata Monteiro (2003), Von Koenigswald, paleontólogo alemão que conduziu pesquisas sobre vários povos indígenas, que esteve entre os kaiowá observou que apenas os membros mais velhos desse grupo indígena falavam o idioma “puro”. A maioria já estava totalmente familiarizada com o tipo modificado do idioma Guarani. (MONTEIRO, 2003, p. 32).

Mesmo no século XX, quando aconteceu o declínio da companhia, aqui relatado anteriormente, os índios sul-mato-grossenses não obtiveram grandes avanços relacionados à demarcação de territórios. Como relata Aylwin (2009), nos anos seguintes começou a migração de não indígenas para essa mesma área

[...] um processo intensivo de ocupação do território guarani pelos colonos não-indígenas, à substituição das florestas e savanas naturais, que formavam seu habitat tradicional, por fazendas de criação de gado e empresas agropecuárias, que introduziram primeiro, a monocultura da cana de açúcar e, depois, de soja ou pastagens para a criação de animais (AYLWIN, 2009, p. 32).

Apesar disso, segundo Aylwin (2009), foi nesse período que surgiram as primeiras propostas para aldeamento em Mato Grosso do Sul. Entre 1915 e 1928, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), formou um total de oito reservas indígenas no estado. Em tese, essas áreas somariam 28.000 ha, no entanto, devido a problemas da demarcação, foram reduzidas 18.124 ha. Tudo se deve a crença de que índios deveriam transformar-se em trabalhadores rurais ou trabalhadores nacionais, segundo as categorias da época. Dessa forma, os critérios para a instalação destas reservas foram elaborados sob a orientação fundiária do SPI (AYLWIN, 2009).

As populações Guarani, conforme Mota e De Assis (2008), seguem distribuídas entre a costa Sul do Brasil e a bacia do Rio da Prata. A origem do nome Guarani, equivale,

simultaneamente, à população e ao nome da família linguística falada por esses povos. Além disso, destaca-se que, “em termos arqueológicos, históricos, antropológicos e linguísticos”, essas populações são consideradas as mais conhecidas entre os grupos indígenas (MOTA; DE ASSIS, 2008, p. 26).

Mota e De Assis (2008) afirmam que, a partir de um número considerável de estudos empreendidos no Leste da América do Sul, pode-se apontar que as populações Guarani procedem da região das bacias dos rios Madeira e Guaporé, de forma que,

[...] a partir daí, ocuparam continuamente diversos territórios ao longo das bacias dos rios Paraguai e Paraná, até alcançar Buenos Aires, distante aproximadamente 3.000km do seu centro de origem. Também se expandiram para a margem esquerda do Pantanal, nos atuais estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (...). Eles mantiveram esses territórios até a chegada dos primeiros europeus que, a partir de 1501 registraram, em centenas de documentos, os limites do vasto domínio Guarani (MOTA; DE ASSIS, 2008, p. 26-27).

De acordo com o IBGE, na atual conjuntura, 51.000 índios Guarani – constituindo a etnia mais numerosa do país – vivem distribuídos nos limites entre a fronteira com o Paraguai e o litoral atlântico, apresentando diferentes características culturais, apesar do longo contato que mantêm com a sociedade nacional, resultante do processo de ocupação colonial (MONTEIRO, 2003). O povo Guarani, no Brasil, divide-se em três grupos: Kaiowá, Nandeva e M'byá.

De acordo com a FUNASA, a população Guarani, kaiowá e nandeva, no estado de MS, pode ser contabilizada em torno de 37.317 pessoas, sendo que 19.638 ainda estão reunidas nas antigas demarcações do SPI, em um total de terras que corresponde a 9.498 ha, distribuídas, principalmente, nas regiões das cidades de Dourados, Amambaí e Caarapó. A população guarani restante habita nas 11 novas terras, que no conjunto somam 22.450 ha, demarcadas a partir de 1980 até esta data, assim como nas 10 terras indígenas que continuam em processo de recuperação (AYLWIN, 2009, p.34), ao mesmo tempo em que uma terceira parte do grupo está espalhada entre a capital, Campo Grande e em áreas urbanas de Dourados. Essas migrações são, segundo perspectivas de Aylwin (2009), consequência

[...] das políticas públicas praticadas ao longo do século XX, assim como da insuficiência de terras demarcadas para os indígenas até esta data, o que leva a seu confinamento e deslocamento forçado até os centros urbanos. Ainda que não existam antecedentes que permitam quantificar esta população, sabe-se que ela vive em condições críticas de marginalidade econômica e social, engrossando as fileiras dos indigentes atendidos pelos programas sociais das prefeituras e dos governos federal e estadual. (AYLWIN, 2009, p. 34).

Apresentando a maior proporção de terras privadas do país, sendo 92% de seu território, enquanto as terras indígenas correspondem a apenas 2,2% da área total do Estado de Mato Grosso do Sul, de acordo com o Atlas Agropecuário (USP, 2017). A densidade populacional em nossas reservas indígenas acaba sendo maior que em países como o Japão, por exemplo. Espremidos pelo latifúndio e pela monocultura, os indígenas não têm outra saída se não ocupar terras e acelerar processos de demarcação. Enquanto utilizam o termo retomada, os ruralistas chamam os episódios de invasão (MARTINS, 2018). Ainda, segundo o autor, "as retomadas são a opção de um povo que não quer abrir mão de sua identidade cultural" (ibidem).

Um passo importante nesse cenário – especialmente no que toca às políticas linguísticas – é o processo de cooficialização da língua Guarani em municípios sul-mato-grossenses, como em Tacuru, localizada no sul do estado, é a segunda cidade brasileira a incorporar outra língua oficial no território nacional. No município de Paranhos (MS) também tramita um projeto de lei com o mesmo intuito.

A lei nº 848/2010 foi sancionada e aprovada pela Câmara de vereadores do município de Tacuru, pela qual fica estabelecido a cooficialização da língua guarani no município. Segundo o IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística –, o Guarani será usado apenas nos atendimentos na área de saúde e haverá o incentivo para sua utilização nos meios de comunicação locais. Entretanto, a grade das escolas urbanas não será alterada, o Guarani segue no caminho de língua estrangeira. Apenas as escolas indígenas poderão ter acesso ao ensino bilíngue, com materiais e recursos didáticos escassos.

Conforme já citado anteriormente, em seu estudo voltado a este processo, Martines (2014), investigou se o projeto de lei elaborado pelos vereadores indígenas fora previamente submetido à consulta da população local. Na entrevista, o professor responsável pelo projeto

de lei afirmou que houve participação indireta da população na elaboração do projeto, que o processo aconteceu “de cima para baixo”. De acordo com Santos (2010), a realização de um projeto contra hegemônico como este deveria acontecer de forma inversa: partindo da iniciativa e da vontade das coletividades interessadas.

Ainda em Martines (2014), podemos observar, como resultados parciais, que ao menos teoricamente, a cooficialização na localidade demonstra um avanço em termos de políticas e planificação linguística, uma vez em que há um comprometimento formal da prefeitura no sentido de apoiar o ensino da língua. Porém, verifica-se que até o momento apenas as escolas indígenas inseriram o guarani em suas grades curriculares, sendo que isso não se aplica às escolas urbanas e embora muitas ações estejam sendo desenvolvidas pelo quadro de profissionais um dos desafios apontados é garantir que a comunidade como um todo se envolva com o projeto, de modo que o conteúdo da lei deve expressar aquilo que a comunidade efetivamente deseja (MORELLO, 2015). Ainda segundo o autor,

o que se pretende é alcançar a máxima eficácia da lei, não pelo seu caráter coercitivo, sancionatório, mas sim pelo seu caráter educativo e orientativo e pelo envolvimento da comunidade com suas práticas, hábitos e costumes que vão legitimar a própria lei. (MORELLO, 2015, p. 40)

Dessa forma entendemos que esse perfil coercitivo da lei pode ir de encontro com o propósito da cooficialização, tornando-se mais um mecanismo legal de exclusão.

Sendo assim podemos perceber que, se na esfera jurídica, o quadro mudou significativamente nos últimos anos, na prática [infelizmente] tudo parece continuar como antes (SILVA, 1994, p. 48) e, de acordo com Faraco (2001), a realidade linguística nacional não conseguiu se fazer ouvir a ponto de se colocar como questão notável sobre a mesa.

Essa prática está intimamente ligada ao fato histórico de que as demais línguas faladas no Brasil, inclusive a indígena, estiveram enclausuradas em contextos reservados: na privacidade das casas, no interior das relações, como se a língua fosse quase um segredo. No contexto que se insere esse trabalho percebemos tal postura. A língua indígena representava mais que um empecilho ao processo de colonização, era considerada uma heresia, uma afronta. Essa concepção tem origem na época colonial e perpetua-se no imaginário e nas

práticas linguísticas dos sujeitos, que até pouco tempo eram punidos quando resistiam ao uso de outra língua que não a portuguesa.

Apesar de todo esse processo da criação de leis que visam a integração, o se falar a língua indígena em público ainda resiste no imaginário e na realidade das práticas de comunicação. De acordo com Mignolo (2005),

O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactadas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado [...]” (MIGNOLO, 2005, p. 40).

Os discursos coloniais, que silenciam as vozes indígenas, atravessam as concepções e as práticas linguísticas dessa comunidade de fala. Como inferimos a partir do estudo de Martines (2014), um dos maiores desafios para a solidificação desse processo de cooficialização é desconstruir a ideologia atestada (não só na comunidade indígena, mas na população brasileira como um todo) de que as sua língua e demais aspectos culturais são inferiores. Um projeto de lei como esse em questão, que oficializa uma língua indígena já é, em si, um ato de transgressão com as políticas coloniais.

A lei de cooficialização não deve ser encarada como um curso isolado, mas sim como algo que constitui um projeto maior, decolonial e emancipatório, significa pensar o papel da coletividade na definição das políticas linguísticas. Parece que ainda há um longo caminho a ser percorrido e é também com esse intuito que desenvolvemos nossa pesquisa.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. ESTUDOS DIALETOLÓGICOS

A Dialectologia consolidou-se nos princípios do século XX com a publicação do *Atlas linguistique de la France*, de Gilliéron e Edmont (1902-1910)⁸, se fazendo presente no estudo das diferentes línguas. Está assentada como um ramo da Linguística, ocupando-se em identificar e descrever os diferentes usos de que se revestem as línguas, contemplando aspectos diatópicos, socioculturais e a cronologia dos dados.

A princípio, voltada para a análise das variedades geográficas, sob ótica eminentemente monodimensional, assume uma perspectiva pluridimensional na abordagem dos fatos, agregando ao confronto da variação diatópica⁹ a correlação entre fatores sociais e os diferentes usos registrados (CARDOSO, 2001).

No Brasil, a Dialectologia dá seus primeiros passos num período compreendido entre 1953 e 1958, com Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes e Cândido Jucá Filho e em seguida, na segunda fase, com Sílvio Elia, Celso Ferreira da Cunha, Nelson Rossi e Heinrich Bunse.

Atualmente, podemos dizer que a Dialectologia ocupa-se do levantamento das falas regionais, comparando-as e analisando respectivas tendências linguísticas.

A dialectologia é também o estudo conjunto da geografia linguística e dos fenômenos de diferenciação dialetal ou dialeção, pelos quais uma língua, relativamente homogênea numa dada época, sofre no curso da história certas variações – diacrônicas em certos pontos e de outra natureza noutros – até terminar em dialetos, e mesmo em línguas diferentes. Então, a dialectologia, para explicar a propagação ou a não-propagação desta ou daquela inovação, faz intervir razões geográficas (obstáculos ou ausência de obstáculos), políticas (fronteiras mais ou menos permeáveis), sócio-econômicas, sócio-culturais (rivalidades locais, noção de prestígio) ou linguística (influência de substrato, de superestrato, de adstrato). (DUBOIS, 1978, p. 185).

⁸Entretanto, o tema já se encontrava presente em trabalhos produzidos em épocas pretéritas à consolidação dos estudos dialetais, demonstrando assim, o interesse de estudiosos do passado pela diversidade de usos das línguas, entre eles, Fernão de Oliveira, na Gramática da linguagem portuguesa (1536), ao reconhecer as variedades diatópica, diastrática e diageracional.

⁹Que se distribui geograficamente (diz-se, p.ex., de variante linguística, por exemplo, o s "chiado" dos cariocas e o s "sibilado" de outras regiões do Brasil); geográfico, espacial, regional, horizontal.

Os objetivos principais da Dialetoлогия estão pautados em: descrever características em espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas; qualificar as ocorrências registradas e, por fim, apreciar no período de tempo em que estão submetidas (CARDOSO, 2001).

Na perspectiva geográfica, a Dialetoлогия identifica as variedades que uma língua apresenta no plano espacial, evidenciando que os usos podem representar diferenças entre uma área e outra ou assinalar características comuns entre elas, seja num mesmo domínio geopolítico ou não, como veremos neste estudo, na região de fronteira Brasil-Paraguai, mais especificamente, no sul de Mato Grosso do Sul.

Já na perspectiva social, a Dialetoлогия comprova que, numa mesma área, a existência de variantes que não se justificam pelo fator geográfico se associam a fatores sociais. Esse tipo de variação constitui o conjunto de usos que a Dialetoлогия dispõe como fatos de natureza diageracional, diastrática, diassexual (CARDOSO, 2014).

Quanto à cronologia dos dados, a Dialetoлогия apresenta as diferentes sincronias que, numa dada região, a um mesmo tempo, demonstram a atualização do passado num momento específico. Para maior compreensão, ilustraremos exemplos no capítulo dedicado à análise dos dados.

2.1.1. A dialetoлогия dos contatos

Ao considerarmos que o contato de línguas acontece numa determinada comunidade de fala, faz-se necessário delinear tal conceito, mais complexo do que o popular e simplista “grupo social que compartilha uma língua”, levando em conta as variações internas, comuns a qualquer sistema linguístico e a existência de comunidades bilíngues e multilíngues, de acordo com Wardhaugh (1992, apud Maranhão, 2011).

De acordo com Weinreich (1967), o estudo de contato de línguas precisa estar atrelado ao bilinguismo e outros fenômenos, enfatizando a investigação pautada no uso concreto da língua.

Estudos puramente linguísticos do contato de línguas devem ser coordenados com estudos extralinguísticos do bilinguismo e de fenômenos relacionados ao mesmo (...) o linguista que teoriza sobre a influência de língua, mas negligencia o contexto

sociocultural do contato de línguas deixa o seu estudo suspenso, como se estivesse no ar. (WEINREICH, 1967, apud Maranhão, 2011).

Ainda, segundo Elizaincín (2008),

a problemática do contato linguístico tem que ser sempre considerada no contexto amplo do contato cultural: as línguas, é sabido, fazem parte das culturas, e é impensável um contato só linguístico. (ELIZAINCÍN, 2008, p. 181)

O contato de línguas, de acordo com Trask (2006) pode ser definido como um fenômeno em que línguas (ou variedades de uma determinada língua) se influenciam em duas situações: (i) em função do trato geográfico (regiões de fronteira), proximidade social e migrações, podendo ocorrer até mesmo a formação de uma nova comunidade; (ii) em virtude dos meios de comunicação ou até mesmo de viagens, intercâmbios, etc.

Trask (2006) afirma que são poucas as línguas que estão ou já estiveram isoladas. Virtualmente, todas já estabeleceram contato, seja esse antigo ou moderno. O autor ainda apresenta uma escala, considerando o grau de influência:

1° grau: simples, são adotadas e incorporadas palavras, geralmente designando novos referentes ou resultantes de prestígio linguístico;

2° grau: afeta a gramática e a pronúncia;

3° grau. extremo, acontece o abandono de uma língua em favor de outra, podendo citar as línguas indígenas como o tupi antigo, o carijó, o cariri.

É importante diferenciar aqui as línguas *de* contato das línguas *em* contato. As línguas *de* contato são as línguas que historicamente surgiram das situações de contato de duas línguas, dando surgimento a uma nova língua, como os pidgins e crioulos. Já as línguas *em* contato são línguas que permanecem em contato durante muito tempo sem sofrer grandes interferências mútuas a ponto de se transformarem em uma nova língua.

O contato linguístico acontece no momento e no espaço em que dois ou mais grupos de fala – com suas respectivas culturas e visões do mundo – se encontram e, mutuamente, empreendem-se na comunicação linguística, independentemente de que esses encontros sejam intencionais, duradouros, simétricos ou repressivos etc (Garrett, 2006). Por isso, é muito mais comum os casos em que as línguas envolvidas se influenciam em diferentes graus, mas não

dão origem a códigos distintos, como é o caso do Português o Guaraní da fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai.

De acordo com Garrett (2006 apud PACHECO, 2014), o bilinguismo e o multilinguismo são as características mais comuns no contato de línguas do que propriamente o surgimento de outra língua. Esse tipo de contato é o que estamos chamando de *línguas em contato*.

Para esse autor, as mudanças induzidas por contato geralmente não criam novos códigos distintos e grande parte delas se dá por motivações sociais. Já as causas do contato linguístico são várias: estrutural, histórica, demográfica, político-econômico, social, cultural, ideológica.

2.1.2. Interferência Linguística

De acordo com Weinreich (1967), a interferência se caracteriza pela reorganização de padrões de um sistema linguístico em decorrência da introdução, neste, de elementos de outro sistema, quando do uso alternado de ambos por um mesmo indivíduo, *locus* do contato.

Os desvios da norma de qualquer uma das línguas que ocorrem na fala de bilíngues como resultado da sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como resultado do contato de línguas, serão chamados fenômenos de interferência. (WEINREICH, 1967, p. 1).

Os fenômenos de interferência são observados nas facetas linguísticas mais estruturadas, como a fonológica, parte dos sistemas morfológico e sintático e algumas áreas do vocabulário (designação de parentesco, das cores, do tempo, etc.), embora Weinreich (1967, p. 01) não descarte a possibilidade de reorganização do sistema nos domínios cujo padrão seja mais “frouxo”, a exemplo do vocabulário de natureza incidental, em que a adoção de empréstimo também pode acarretar interferência. Do contrário, o próprio conceito de sistema ficaria comprometido. Fala-se de empréstimo quando se quer enfatizar o caráter de transferido de um elemento.

O termo interferência implica na reorganização dos padrões que resulta da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados da língua. [...] Seria simplificar demasiadamente falar aqui de empréstimo ou de meras adições ao inventário [...] (WEINREICH, 1967, p. 1).

O contato de línguas é visto, por alguns antropólogos, como um aspecto do contato de culturas e a interferência linguística, como uma faceta da difusão cultural e da aculturação (WEINREICH, 1967, p. 05). Já se mencionou, aqui, com efeito, a importância de se contextualizar, com base em critérios extralinguísticos (sócio históricos, políticos, econômicos, educacionais), a constituição de uma comunidade linguística e a ocorrência do contato de línguas e do bilinguismo. Entretanto, as formas da interferência entre línguas são colocadas em termos da Linguística Descritiva. O empréstimo lexical, por exemplo, pode ser explicado a partir da investigação dos pontos em que determinado vocabulário é inadequado no ambiente cultural em que o contato ocorre (WEINREICH, 1967).

Ainda segundo Weinreich, quanto maior for a diferença entre os sistemas, isto é, quanto mais numerosas as formas e padrões mutuamente exclusivos em cada um deles, maior é a dificuldade de sua aprendizagem e a área potencial de interferência, de modo que as diferenças e similaridades entre línguas em contato devem ser exaustivamente descritas para cada domínio como pré-requisito para a análise da interferência (WEINREICH, 1967, p. 1).

Podem-se distinguir diferentes processos de interferência comuns em situações de contato, como:

A transferência de elementos, que passam de um sistema linguístico para outro, em que são identificados como emprestados ou transferidos e pelas identificações interlinguais, e que não há transferência de elementos, mas a extensão de oposições de uma língua à outra (WEINREICH, 1967, p. 7-8).

Exemplifica este segundo tipo de interferência o ocasional equacionamento de formas fonológicas, idênticas ou similares nas duas línguas envolvidas; pode se verificar também na sintaxe, com a identificação entre relações gramaticais e ordenação sintática, e na semântica, com a similaridade material propiciando a identificação de vocábulos de línguas distintas

Na língua, ocorrem fenômenos de interferência que, depois de repetidas vezes manifestarem-se na fala de bilíngues, tornam-se hábito e se estabelecem na língua. Dessa forma seu uso deixa de ser restrito aos bilíngues e as inovações já não se consideram empréstimos, constituindo antes parte da língua. Interessa à pesquisa linguística, portanto, a

integração dos elementos estrangeiros, como observamos no caso do Guaraní. O seu estudo é mais simples, dado que o pesquisador de campo pode obter os empréstimos por questionamento repetido do informante, além de poder buscá-los em textos escritos.

2.1.3. Bilinguismo

De acordo com Calvet existem aproximadamente 7.000 línguas em todo o mundo, 5% destas são as chamadas línguas majoritárias e são faladas por 95% da população mundial (inglês, português, espanhol, mandarim, árabe, alemão, italiano, etc.). Os outros 95% destas línguas são as chamadas minoritárias e são faladas por apenas 5% da população mundial, ou seja, existem muitas línguas para poucos falantes, muitas destas são indígenas e já estão em processo de extinção, podendo desaparecer nas próximas gerações.

Segundo o mesmo autor, no Brasil, coexistem com o português cerca de 180 línguas, dentre estas podemos encontrar as línguas nativas, de imigrantes colonizadores, de imigrantes dos países fronteiriços e de diversas partes do mundo atraídos por questões econômicas para a região de fronteira. Além disso, devido à extensão territorial do Brasil, podemos encontrar vários dialetos, ou seja, vários modos de falar o português de acordo com cada região.

Atenta-se para o fato de que não são apenas as diversas línguas que estão presentes em nosso país, mas também as diversas culturas, etnias e identidades que elas representam, além disso, cada uma traz consigo diferentes visões de mundo. Em um ambiente como este, em que várias línguas se encontram e convivem, é comum encontrarmos pessoas bilíngues.

Ferraz (1997), ao explicar sobre o bilinguismo encontrado na fronteira, aponta que este tipo de bilinguismo, na realidade, não é positivo, pois ao ingressar nas escolas brasileiras, as crianças e jovens que não tem o português como língua materna, são obrigados a aprender a língua oficial do Brasil em um tipo de ensino que não oferta o português como segunda língua, ou seja, a Língua Portuguesa é ensinada como língua materna inclusive para aqueles alunos que não a tem como língua materna, “[...] não há opção para estes alunos, eles tem que aprender a língua majoritária do país e inevitavelmente tornam-se bilíngues.” (FERRAZ, 1997, p. 137).

No Brasil, a imposição do português padrão não se refere somente a imposição de uma língua, mas, também, de uma única cultura e de uma única identidade, para todos. Estes três

estão ligados de tal forma que não há como caracterizá-las separadamente, isso porque uma língua está sempre ligada a uma cultura a qual representa que, por sua vez, contribui na formação de uma identidade, formação esta que ocorre por meio da língua, da interação com o “outro”. (RAJAGOPALAN, 1998).

Sendo assim, o aluno que tem como língua materna uma língua nativa ou estrangeira, por exemplo, se vê em meio a vários conflitos, dentre eles: culturais, étnicos, linguísticos e identitários. Isso ocorre porque, na escola, a sua língua ou dialeto é visto como errado devido à imposição do português padrão. Além disso, o encontro entre diversas culturas e etnias no contexto escolar, causa nos alunos um sentimento de estranheza.

No caso do Brasil, parece não haver a possibilidade de um ensino bilíngue que abranja o país num todo, visto que não há como escolher uma única língua devido a grande quantidade de línguas que aqui convivem e por estas estarem em regiões distintas. Frente a esta realidade aponta-se para a necessidade de se pensar em políticas linguísticas para cada região e na possibilidade de ensinar o português como segunda língua e não mais como língua materna para alunos que já possuem uma língua materna.

2.2. LÉXICO E CULTURA

As palavras são verdadeiras testemunhas de uma sociedade, visto que são resultantes de todas as experiências vividas e acumuladas pelas sociedades e culturas através dos tempos. Assim como os membros dessas sociedades vão se recriando, transformando ao longo dos tempos, o léxico também assimila essa condição de ser variável e é esse constante movimento de recriação que expande o inventário vocabular de uma língua (FREITAS, 2011).

Segundo Biderman (2001), as mudanças sociais e culturais provocam mudanças nos usos do vocabulário, esse processo pode levar setores completos do léxico à marginalização e, conseqüentemente, desaparecer. Na contramão desse movimento, termos em desuso podem voltar à circulação, com outras conotações. Em suma, novos vocábulos e significações surgem para enriquecer o léxico constantemente.

Ainda segundo a autora (1978), independentemente da língua, o léxico constitui um vasto universo de limites sem precisão e sem definição. Dessa forma, qualquer sistema léxico

além de abranger todo universo conceitual de uma dada língua, constitui a soma de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros da sociedade são sujeitos-agentes que perpetuam, reelaboram, criam, recriam, expandem e/ou alteram os usos vocabulares. Assim, o léxico, por ser patrimônio da comunidade lingüística, não se mantém inalterado, ou seja, os falantes criam, conservam, atribuem novas significações aos lexemas nos usos do discurso, alterando, por conseguinte, as áreas de significação das palavras.

O léxico é reflexo da cultura e identifica os elementos que circundam determinada comunidade. Sendo assim, a partir de seus estudos torna-se possível observar e descrever cientificamente uma comunidade linguística e suas lexias. Isso se explica pelo fato de que cada palavra remete a particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional.

De acordo com Basílio (2004), o léxico além de ser o conjunto de palavras de uma língua, apresenta um alto teor de regularidade e é um componente fundamental da organização linguística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical quanto do ponto de vista estilístico e textual.

Ao considerar a dimensão sociocultural da língua, o léxico deve ser visto como patrimônio social e cultural da comunidade, uma vez que torna possível a compreensão, a interpretação e a significação de maneira particular de suas experiências sócio-históricoculturais. Assim, é a palavra que garante ao indivíduo sua capacidade de apartar e de trivializar o individual, o subjetivo. (BIDERMAN, 1981).

A aprendizagem do léxico ocorre de modo gradativo, durante toda a vida. Sua incorporação se dá através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, através de signos linguísticos, os lexemas (BIDERMAN, 2001).

A forma como acontece esse processo ainda é desconhecida, entretanto, sabemos que a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical, e um dos processos mnemônicos mais comuns na incorporação do léxico é o modelo binário de oposição: grande X pequeno / bonito X feio etc. Assim, nas associações semânticas evocadas pela memória, observa-se, frequentemente, a emergência paralela de vocábulos antônimos, em que o significado de um é a negação do significado de outro (BIDERMAN, 1978).

Por esse motivo o estudo do léxico é fundamental para que o indivíduo construa suas representações de mundo, pois, "é pela palavra que o homem vem ao mundo, e que o mundo vem ao pensamento. A palavra manifesta a existência do mundo, a existência do homem e a existência do pensamento" (GUSDORF, 1992). Essa afirmação reforça que, é através da linguagem que o homem assegura a estabilidade do mundo em suas relações, porém é preciso que detenha o conhecimento não só dos significados das palavras, mas também dos sentidos que são construídos, no deslocamento dos significados na língua em uso.

O falante, a fim de exteriorizar seus pensamentos apropria-se da palavra e atribui-lhe significados diversos, que num *continuum* comunicativo, é renovada, garantindo assim a vivacidade da língua. É a tomada da palavra que põe a linguagem em movimento, visto que os sentidos das palavras não se esgotam em si mesmos, mas se sujeitam às suas intenções discursivas.

Se a língua é o reflexo da identidade cultural de uma sociedade, pois segundo Matoré (1953) é o léxico que nos auxilia a compreender e a explicar a sociedade da qual fazemos parte, então, o acervo léxico arquivado na memória de um indivíduo é semelhante àquele existente na memória de outro falante da mesma língua, pois tal semelhança se deve não só à interação social entre os indivíduos de uma dada comunidade linguística, mas também ao produto de outras mentes, representante da mesma comunidade linguística. É importante ressaltar, todavia, que há estudos que defendem a existência de palavras mais carregadas de referências culturais que outras.

Galisson (1987 apud BARBOSA, 2009) propõe o conceito de lexicultura, como um modo de acesso ao estudo do léxico culturalmente marcado, ou seja, esse conceito "privilegia a consubstancialidade do léxico e da cultura e designa o valor que as palavras adquirem pelo uso que se faz delas". Dessa forma, o foco da lexicultura é o dado cultural coletivo evocado pelo signo, uma vez que ele é revelador das escolhas feitas por uma coletividade.

De acordo com Guillén Díaz (2003), o termo lexicultura – resultado da união das duas formas léxico e cultura – evoca duas conotações: uma referente ao léxico, que nos reenvia à palavra, ao conjunto de palavras que uma língua comporta; outra, relativa à cultura, que está ligada ao conjunto de manifestações por meio das quais se expressa o cotidiano de um povo.

Acreditamos que, para compreendermos melhor os sentidos das escolhas lexicais nas obras em estudo, é preciso que levemos em consideração não só os estudos da lexicologia,

mas também os da lexicultura, visto que o conceito de lexicultura dá privilégio ao valor que as palavras adquirem pelo uso que se faz delas numa dada cultura. Assim, conforme o exemplo da palavra *picada*, as acepções poderiam ser mais bem desvelados no campo da lexicultura, uma vez que a palavra *picada* (no sentido de caminho) nos remete à cultura de determinada região, voltando-se para a composição da paisagem. Já no sentido de ferimento nos remete à cultura do ervateiro, que lida com os animais daquele ambiente.

É nesse sentido que o Galisson (1995, apud BARBOSA,2008), os dicionários não dão conta de todos os sentidos, uma vez que se faz necessária a análise de uma representação mental mais elaborada, construída, tomando como ponto de partida a análise de um inventário de objetos pertencentes a uma mesma categoria.

Galisson (1987) designa o léxico marcado pela carga cultural de palavra com carga cultural compartilhada, ou seja, ao sentido referencial da palavra, acrescentam-se outros valores conhecidos e compartilhados pelos membros pertencentes a uma cultura. Esses novos sentidos constituem fator de aproximação e de reconhecimento mútuo entre os membros de uma dada comunidade. A carga cultural compartilhada está mais próxima da cultura da experiência, da vivência e do cotidiano e mais distante da chamada cultura erudita ou institucional.

Para Galisson (1987), a diferença fundamental entre cultura cotidiana e cultura erudita é que a primeira aprende-se na prática social e condiciona o que há de essencial em nossos comportamentos. Por sua vez, a cultura erudita está presente nos livros e nos currículos escolares e, desse modo, pode ser ensinada tanto a falantes nativos quanto a falantes não nativos.

Como o termo lexicultura evoca a união dos termos léxico e cultura, acreditamos ser relevante também tratarmos da cultura, a fim de que possamos verificar, nas obras, como a cultura é responsável não só pelos fazeres transformadores do homem na sociedade, mas também pela modalização do comportamento desse homem.

As concepções existentes de cultura são bastante complexas, pois resultam de estudos diversificados, o que acarreta um conjunto de diferentes visões sobre tal referente. Desse modo, cultura é muito mais do que todo fazer humano que pode ser transmitido de geração a geração, como postula o saber partilhado.

Sabemos que o homem é produto e produtor de sua cultura. Assim, a cultura é a base da constituição do sujeito, entendendo a cultura em seu significado mais geral, como o “conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo” (BOSI, 2002).

De acordo com Geertz (1978), “o homem é um ser amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Desse modo, a cultura deve ser vista não só como complexos de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos –, mas também como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – para governar o comportamento. Essa concepção ancora-se no fato de que o homem tem necessidade de tais mecanismos de controle para ordenar seu comportamento. Verificamos, nos fragmentos abaixo das obras, como a cultura modela o comportamento do homem.

Fomos integrantes de uma legião de sofrendores mas, também, de esperançosos.
Aninhamos no coração expectativas iguais, juntos, fortalecidos pela palavra do
Senhor, cultivamos fé inquebrantável (SEREJO, 1990, p. 1)

Falava pouco e, quando falava, tossia e gaguejava.
Fazia qualquer serviço. Era bem mandado, obediente. (Contos Ciroulos, 1998, p. 101)

Observamos que as personagens têm seu comportamento moldado pela cultura de seu grupo e/ou função social, — peões, ervateiros, retirantes. Esse comportamento cultural vem marcado pela repetição de ações, de experiências tais como: o importante é não desanimar, orgulho da própria coragem, era a lei dos ervais. Essas palavras e/ou expressões nos remetem a ações culturais que se marcam no tempo pela reiteração de atos socioculturais com base na experiência significativa de antepassados.

De modo geral, a cultura vista como mecanismo de controle, segundo Geertz (1978), pressupõe ser o pensamento humano basicamente social, ou seja, pensar consiste num tráfego de símbolos significantes — palavras, gestos, desenhos, sons musicais — usados para impor um significado à experiência. Todavia, sabemos que do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados a priori na sua maioria, isto é, o homem já os encontra em uso corrente na comunidade quando nasce, e eles permanecem em circulação após a sua

morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, o homem utiliza-se desses símbolos, ou de alguns deles consciente ou inconscientemente, mas sempre com o mesmo propósito: fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto orientar-se no curso corrente das coisas experienciadas, vividas. (GEERTZ, 1978).

Em se tratando de estudos relacionados ao léxico e sua inter-relação com a cultura, não poderíamos deixar de fazer esse recorte sobre Regionalismo, partindo do pressuposto de que a língua reflete a realidade, o mundo social no qual o homem, agente transformador infere suas marcas de acordo com a região em que vive.

2.3 REGIONALISMOS

Inserindo-se nesse contexto de cultura popular e considerando que nossas análises vão, em algum momento, trazer à baila esse termo, é imprescindível fazermos um recorte do que seja Regionalismo, seus conceitos e tendências, um tema bastante interligado à concepção de cultura de massa.

No período do romantismo, verifica-se a crescente importância do Brasil regional, um fato bastante significativo nesse período, com as influências geográficas, culturais, econômicas, folclóricas e tradicionais que inseriram suas características distintivas na vida, nos costumes, no temperamento, nas expressões artísticas, na maneira de ser, de sentir, de agir, de trabalhar e de falar.

Há várias maneiras de se ver o Regionalismo, desde o simples localismo ao amplo regionalismo literário, enfim, as referências aos aspectos regionais, devem-se à maneira como as regiões são apresentadas e tratadas ao longo da história.

Coutinho (1986), em suas considerações sobre Regionalismo, afirma que num sentido mais amplo, toda obra de arte, é regional, quando tem por pano de fundo uma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Sintetizando, uma obra de arte, para ser regional, não somente tem de ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local, que decorre em primeiro lugar do suporte material, incluindo-se aí

o ambiente natural representado por clima, topografia, fauna, flora, hidrografia, tidos como elementos que afetam a vida humana na região e também dos modos de vida peculiares de uma sociedade radicada naquela região e que a fizeram distinta de todas as demais.

Segundo o referido autor, essa é uma concepção autêntica do que é Regionalismo, que apresenta o espírito humano nos seus diferentes aspectos na inter-relação com o seu meio imediato, refletindo o homem com sua linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região em particular, consideradas em relação às atitudes do indivíduo herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição.

Ainda são palavras de Coutinho (1972) a respeito do Regionalismo:

É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião. As regiões não dão lugar a obras literárias isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país. (COUTINHO, 1972. p. 237)

Para Freyre (1996), o que faz o Brasil regionalista é o respeito às diversidades entre as regiões. Ele vê como “um esforço no sentido de facilitar e dignificar certa atividade criadora local”.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, propomo-nos inicialmente a reiterar o objetivo da pesquisa e a enumerar as questões que a norteiam. Em seguida, passaremos a detalhar a metodologia utilizada, descrevendo o corpus de estudo, as ferramentas utilizadas para análise e os dicionários adotados na investigação dos itens lexicais. Finalmente, apresentaremos os procedimentos de análise utilizados para a obtenção dos resultados constantes do próximo capítulo.

3.1. OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar, na obra *Carai Ervateiro*, de Hélio Serejo, a interferência lexical da língua Guarani enquanto característica da cultura do erval sul-mato-grossense.

3.1.2 Objetivos específicos

Para alcançar a proposta deste trabalho, temos como objetivos específicos listar os itens lexicais que se manifestam como interferência do Guarani no vocabulário dos sujeitos do erval; descrever de que forma se construiu o sentido dos empréstimos linguísticos elencados no contexto da obra e averiguar as modificações linguísticas que sofreram esses itens lexicais para adaptarem-se ao contexto da obra.

Os procedimentos de análise detiveram-se na distinção das diferentes grafias – como veremos adiante em *assu/açu* –, além de verificar a frequência, a maneira de uso e uma série de outros dados pertinentes aos itens lexicais.

3.2. PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DO CORPUS

O corpus objeto de estudo consistia, a princípio, em três obras¹⁰ do autor sul-mato-

grossense Hélio Serejo. Notadamente, todas têm características particulares: são páginas personalizadas, apresentando-se como diários públicos, nos quais são descritas com riqueza de detalhes as experiências do erval por meio de crônicas, relatos históricos, comentários, poesias, contos, folclore, crítica literária, provérbios, orações, credences, ditos populares, palestras, verbetes sobre hábitos, alimentação, superstições e outro assuntos que caracterizam um verdadeiro balaio.

Essa primeira coleta de dados compreendeu um período de um mês. Deparamo-nos então com uma grande quantidade de itens lexicais representativos do contato linguístico com o guarani. Elencamos então alguns critérios de exclusão e seleção a fim de facilitar a compilação do corpus, conforme vemos a seguir.

Para exclusão:

1. Palavras que estão dicionarizadas em LP e não indicam regionalismo;
2. Palavras que constam nos glossários ¹¹ das referidas obras, elaborados por Serejo e que apresentam acepção satisfatória e de fácil compreensão ao leitor.

Para a seleção dos itens lexicais, adotamos os seguintes critérios:

1. Palavras não dicionarizadas em LP;
2. Palavras registradas com grande frequência na obra;
3. Palavras que estão dicionarizadas, mas Serejo utiliza com outra acepção;
4. Palavras que constam no glossário de Serejo e que não satisfazem a acepção naquele contexto de uso.

Ao final da coleta, os corpora selecionados e utilizados na presente pesquisa totalizaram um grande número de ocorrências, levemente superior a 700 itens representativos.

Para avaliar e definir o tamanho e a representatividade do corpus que utilizaríamos para análise, pegamos emprestado uma definição da Linguística de Corpus que determina que, em termos de tamanho, podemos classificar nosso corpus como pequeno, de acordo com a escala

¹⁰ Carai Ervateiro (1990), Balaio de Bugre (1992) e Contos Crioulos (1998).

¹¹ Vale salientar que a obra Carai Ervateiro, em específico, facilita a coleta de corpus por dos grifos realizados pelo autor, sendo que por alguns desses eram localizados ao final da produção, na forma de um glossário.

proposta pelo autor (BERBER SARDINHA, 2004).

Vale ressaltar que os parâmetros postos por Berber Sardinha (2004) levam em consideração os *tokens* que seria “o número de itens - ou ocorrências - em que uma palavra aparece no corpus”. Como exemplo de *token*, destacamos a frase:

“Sabe que é um homem predestinado, por isso se conforma com as pragas dos ervais que o atormentam: embaguaris (1) ou baguarí (2), cava-pitã (3), carapanã (4), hasy (5), já-te- bu (6), tú (7)...” (CE, p. 8) com um total de 7*tokens*.

Optamos por não nos ater a investigação das palavras do ponto de vista probabilístico, visto que além da demanda de tempo, seria necessário ter em mãos um instrumento que nos permitisse aferi-la.

Com esse levantamento realizado e assegurados pela revisão literária, consideramos que seria muito extenso o corpus baseado nas três obras e que não teríamos tempo hábil para descrever e analisar com competência e esmero cada item lexical. Sendo assim, optamos por concentrar nossa análise na obra *Caraí Ervateiro*, de onde foram extraídos 130 itens lexicais¹², apresentados no quadro 1.

Após a organização e tabulação desses itens, nos preocupamos em transcrever os trechos em que eles se inseriam. Tal processo permite evidenciar claramente o significado e/ou o uso contextualizado das palavras, atestando a concordância das mesmas. Realizamos este processo nos itens lexicais selecionados, como veremos adiante na análise do corpus. Essa opção justifica-se pela singularidade e inovação lexical da escrita de Serejo, para as quais as definições apresentadas por dicionários muitas vezes não dão conta.

Para desenvolvermos a análise dos itens, foi preciso estabelecer alguns critérios que garantissem resultados confiáveis, posto que existem vários fenômenos envolvidos na composição dessa linguagem. Optamos, então, por consultar também o acervo lexical da Língua Portuguesa e compará-lo às formas do Guaraní. Para tanto, adotamos três dicionários tradicionais, de grande circulação nacional e constantemente atualizados, objetivando contemplar todos os vocábulos do nosso idioma e os sentidos a eles atribuídos.

Os dicionários consultados foram:

¹² Os 130 itens são resultado de uma seleção que levou em consideração questões de homofonia e homografia de acordo com Cegalla (2008), além dos processos derivacionais.

1. “Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa”: desenvolvido e atualizado pelo Instituto Antonio Houaiss; contém bibliografia vasta, abrangendo várias obras, datação e etimologia. A consulta aos verbetes pode ser realizada on-line, na página www.uol.com.br.

FIGURA 6 – Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa



Fonte: <http://assinantes.uol.com.br/exclusivo-para-assinante/dicionario.html>

2. “Dicionário Aurélio Eletrônico”, elaborado inicialmente por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, é periodicamente atualizado sob a supervisão de Marina Baird Ferreira, viúva de Aurélio e responsável pelas edições do dicionário, juntamente com a professora Margarida dos Anjos. O dicionário é distribuído pela Editora ‘Positivo’ e conta com 435 mil verbetes, definições, locuções e acepções que procuram acompanhar as alterações que ocorrem na língua ao longo do tempo.

FIGURA 7 – Dicionário Aurélio Eletrônico



Fonte: <https://eusouandroid.co/dicionario-aurelio-smartphone-apk/>

3. “Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa”: a elaboração do dicionário estendeu-se por dez anos e contou com a colaboração de 84 profissionais especializados; apresenta mais de 500.000 definições, distribuídas em mais de 200.000 verbetes e subverbetes. Seu planejamento consistiu em registrar o maior número possível de vocábulos, tanto da linguagem escrita quanto da oral. Esta obra baseia-se no banco de dados lexicográficos da ‘Melhoramentos’, e a consulta aos seus verbetes pode ser feita on-line, na página www.uol.com.br.

FIGURA 8 - Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa



Fonte: <http://www.superdownloads.com.br/download/98/dicionario-michaelis-portugues/>

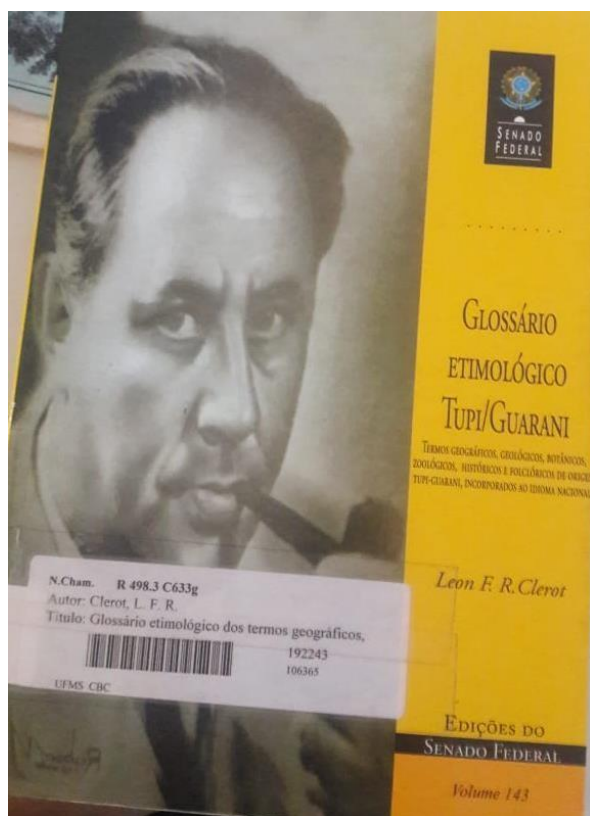
Os três dicionários de LP supracitados foram utilizados com o propósito de, primeiramente, verificar se os itens selecionados faziam parte da grafia oficial da LP enquanto regionalismos e, caso fizessem, para comparar os sentidos observados em contexto aos significados dicionarizados e, finalmente, para detectar possíveis correspondências.

Em seguida, consultamos o glossário apresentado por Serejo, localizado no final da obra. Composto por 137 itens, trata-se de um levantamento quase que artesanal, uma vez que não segue um paralelismo de informações, as palavras estão divididas por letras, porém, nas subdivisões não estão dispostas por ordem alfabética. Notamos a preocupação do autor em grifar ao longo dos textos palavras provavelmente desconhecidas, de origem guarani, espanhola ou até mesmo de pouco uso do português. Entretanto, não são todas as palavras com essas características que se encontram no glossário. Outro ponto a ser observado e que também nos motivou a empreender esta pesquisa é a lacuna nas acepções apresentadas, como no caso de “Quice: grafia aportuguesada. KYSE, grafia correta, guarani.” (SEREJO, 1990, p. 92), para a qual o autor apresenta outra forma da palavra, mas não a aborda.

As obras de Língua Guarani utilizadas para destrinchar os significados foram:

1. “Glossário Etimológico dos Termos Geográficos, Geológicos, Botânicos, Zoológicos, Histórico e Folclórico de Origem Tupi-Guarani”, desenvolvido por Leon F. R. Clerot, publicado recentemente pelo Conselho Editorial do Senado Federal; contém bibliografia vasta, abrangendo satisfatoriamente critérios etimológicos, além de referências na toponímia, zoologia, etc.

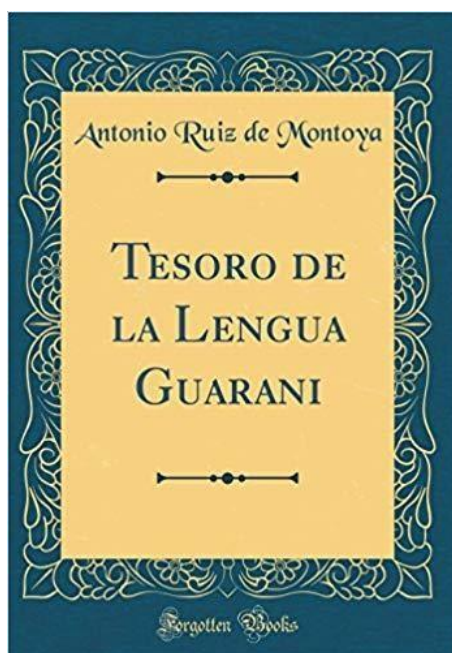
FIGURA 9 - Glossário Etimológico dos Termos Geográficos, Geológicos, Botânicos, Zoológicos, Histórico e Folclórico de Origem Tupi-Guarani, Leon F. R. Clerot



FONTE: Clerot, 2011.

2. “Tesoro de La lengua Guaraní”, elaborado pelo padre Antonio R. de Montoya, da Companhia de Jesus. Constitui um dos maiores corpus sobre a língua e cultura Gurani, cuja extensão não foi alcançada por nenhum outro trabalho antigo ou contemporâneo. Foi reeditado por Antonio Caballos, o qual o organizou, tornando-o mais acessível e acresceu informações de grande valia.

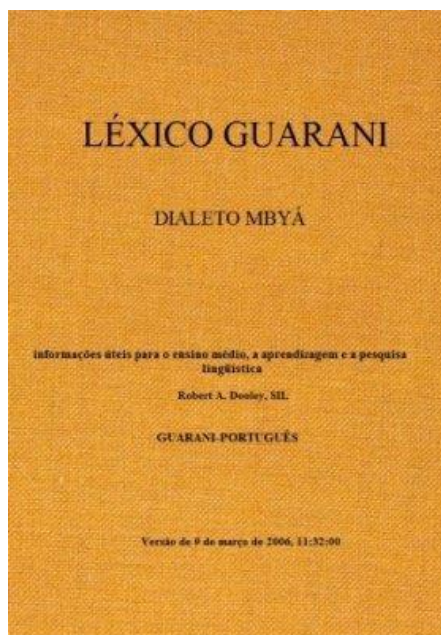
FIGURA 10 – Tesoro de la Lengua Guarani, Antonio R. Montoya



Fonte: <https://www.amazon.com/Tesoro-Guarani-Classic-Reprint-Spanish/dp/0428422853>

1. “Léxico Guaraní: Dialecto Mbyá”, de Robert A. Dooley. Na versão com acréscimo de outros autores, visa fornecer informações técnicas e científicas para o mundo acadêmico e outras pessoas interessadas. Inclui referências a trabalhos científicos sobre a língua e cultura Guarani, cita formas reconstruídas através de estudos históricos e usa termos técnicos nas suas descrições.

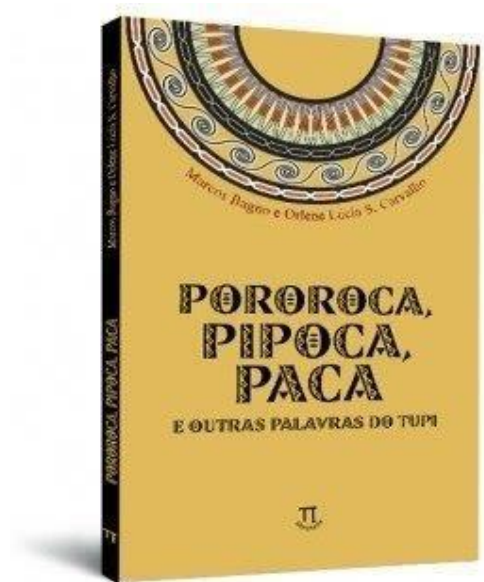
FIGURA 11 - Léxico Guaraní: Dialeto Mbyá, Robert A. Dooley



Fonte: <https://www.twirpx.com/file/800321/>

2. “Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do Tupi”, de Marcos Bagno e Orlene Lúcia de Saboia Carvalho, que reúne os termos de origem indígena que são uma verdadeira herança para nosso vocabulário. Além das acepções, os organizadores se preocuparam em abordar aspectos fonológicos, etimológicos, bem como expressões, nomes de cidade e diversos outros vocábulos originários da língua indígena.

FIGURA 12 – Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do Tupi, Marcos Bagno e Orlene Lúcia de Saboia Carvalho



Fonte: https://www.portaldoslivreiros.com.br/livro.asp?codigo=212092&titulo=Pororoca,_pipoca,_paca_e_outras_palavras_do_tupi

A partir da busca nas obras de LG, fez-se necessário também a consulta em dicionários de Língua Espanhola, ora pela ampliação dos sentidos, ora pelo inegável ineditismo do falar do erval, aqui representado por Serejo, onde notamos uma hibridização de termos da LG e da LE. Para tanto, utilizamos o dicionário Señas:

1. “Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños”, da Universidad de Alcalá de Henares. Possui base semi bilíngue e mais de 20.000 entradas, com exemplos claros e simples. A transcrição fonética apresentada nos deu base para a compreensão de alguns pontos da pesquisa, especialmente quando tratamos das similaridades de articulações entre a LG e LE.

A partir desse processo investigativo podemos afirmar que o universo que engloba o texto literário é extremamente produtivo, visto que nele se reúnem outros tantos universos encontrados na sociedade. A literatura, por excelência, é um repositório linguístico frutífero de produção de sentido. Vemos em Serejo a exteriorização da vivacidade no uso da língua,

imprimindo recursos que conferem credibilidade e fidelidade ao linguajar sul-mato-grossense. Dessa forma, faz-se necessário que se conheça a biografia desse autor e as condições de produção da sua obra. É nessa perspectiva que desenvolvemos as seguintes seções.

3.3. O AUTOR

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano. (...)

Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da jungle, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra.

Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.

Os ventos do destino – maus e bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos. (...)

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvante dos tempos, mas com o conforto grandiloquente de ter sido guiado por essa luz mirífica que é o farol divino que indica, neste tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito, o caminho certo da vida.

Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias.

Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e fui, também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio aragano, trilhador de todos os caminhos.

Amei, imensamente, o vazio aberto. Nele, sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incommensurável do Senhor.”

(SEREJO, 1973 – discurso de posse na academia sul mato-grossense de Letras)

FIGURA 13 – Hélio Serejo ocupando a cadeira 30 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras



FONTE: <http://www.oexplorador.com.br/helio-serejo/>

Conhecer a trajetória social e individual de Hélio Serejo é indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa. Para isso, buscamos em Reis (1980) um apanhado biográfico do autor: nascido em 1º de junho de 1912, município de Nioaque, especificamente na Fazenda São João, Hélio Serejo era o sexto filho de Francisco Serejo, mencionado nas obras como Chico Serejo ou simplesmente Don Chico.

Tinha por sonho ser engenheiro e assim se inscreveu no Regimento da Infantaria, no Rio de Janeiro, porém, não obteve sucesso. Após um período conturbado retorna ao então estado de Mato Grosso e passa a exercer a função de fiscal de rendas, jornalista e escrivão.

Novamente Hélio sai do estado, passa uma temporada em São Paulo para tratamento – não era à toa que Elpídio Reis o chamava de bolicho de doenças, as enfermidades sempre acompanharam Hélio –, fixou-se, em 1948, em Presidente Venceslau, até o início deste ano, quando se transferiu para Campo Grande.

Trabalhando com o pai, passou a desenvolver diversas atividades e assim passou a ter contato com o mundo dos ervais e todos os elementos que compunham essa paisagem.

Toda essa lida se dispersa por suas obras, verdadeiros documentários do espetáculo geográfico e humano, do aqui apreciado vocabulário, das tradições e tudo o que se relaciona com a paisagem do erval.

Hélio Serejo deu ao lugar do concreto, “pontilhões literários”, construiu verdadeiras pontes para a cultura e pintou o cenário com a cor local. Sem dúvida, suas obras constituem um registro de grande valor, assegurando posição de destaque em nosso painel literário.

Entretanto, as obras de Hélio não foram editadas regularmente. São edições avulsas, quase que artesanais, tanto que tivemos dificuldade para encontrar algumas obras. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, felizmente, demonstra interesse pelas obras e tem trabalhos voltados à reedição destas.

3.3.2 Inventário de produção

Autodidata, Serejo descreveu tudo que viu e ouviu, em alguns casos sem consulta a nenhum autor ou obra [...]. Na maior parte de suas obras, nota-se a não utilização de fontes historiográficas e uma despreocupação com o rigor acadêmico. O conteúdo é memorialístico e quase toda a pesquisa que o autor realizou foi verificada empiricamente. [...] não era pretensão do autor a exposição sistemática, organizada e rigorosa da história. Não era esse o seu objetivo. Serejo queria expor, por meio da obra literária, os problemas vividos pela população simples, queria mostrar a vida da população fronteiriça [...]. (CENTENO, 2007, p. 58 apud SILVA, 2010, p. 13).

A seguir trazemos uma relação das publicações de Serejo organizada cronologicamente:

1. Tribos revoltadas – Novela Íncola (1935)
2. Carreteiro de minha terra (1936)
3. Modismo de Mato Grosso do Sul (1937)
4. 3 contos (1938)
5. 4 contos (1939)
6. Homens de aço – a luta nos ervais de Mato Grosso (1946)
7. Ronda Sertaneja (1949)
8. Prosa Rude (1952)
9. O Homem mau de Nioaque (1959)
10. Buenas chamego (1960)
11. De galpão em galpão (1962)
12. Versos da madrugada (1969)
13. Carta de Presidente Venceslau ao cumpadre Ansermo (1970)
14. Prosa xucra (1971)
15. Rincão dos xucros (1971)
16. Pialo bagual (1971)

17. Vento brabo (1971)
18. Discursos de posse (1973)
19. Rodeio da saudade (1974)
20. Vida de erval (1975)
21. Zé Fornalha (1976)
22. Abusões do Mato Grosso – e outras terras (1976)
23. Campeiro da minha terra (1978)
24. Fogo de angico (1978)
25. 7 contos e rima potóca (1978)
26. Lendas da erva mate (1978)
27. O tereré que me inspira (1980)
28. Pelas orilhas da fronteira (1981)
29. Palanque da terra nativa (1983)
30. Mãe preta (1983)
31. Carai... – Erva-mate, Riquezas nativas (1985)
32. Os heróis da erva (1987)
33. Paisagem sertaneja (1988)
34. Nhá Chaló (1988)
35. Pialando no mas (1989)
36. Carai Ervateiro (1990)
37. Sismório – O gringo bonchincheio e bandido (1991)
38. Vivência ervateira (1991)
39. No mundo bruto da erva mate (1991)
40. Lendas do estado de Mato Grosso do Sul (1991)
41. Balaio de bugre III (1992)
42. Balaio de bugre – edição especial (1992)
43. Ronda do entardecer (1995)
44. Contos crioulos (1998)
45. 2 contos: Zé fumaça e Chopito (1999)
46. Os meus bisnetos admiráveis (2002)

3.4. A OBRA

Carai ervateiro ficou na história. Na história das ranchadas ervateiras. Na brutal e comovente história da erva-mate. A civilização nunca terá meios para destruir seu feito grandioso. Será ele imperecível. (SEREJO, 2008,p. 10).

Através da memória e das relações pessoais é que Serejo retrata a cultura de nosso estado. Somam o total de 30 crônicas, relatos históricos, poesias, contos, comentários, ditos populares, críticas literárias e orações em que o autor descreve a fauna, a flora e os hábitos sul-mato-grossenses.

Ao descrever os mais variados personagens do sertão sul-mato-grossense, o Carai surge como a mais genuína representação do homem do erval. Fica evidente que o fazer literário de homem simples, de pouco estudo formal, de valores morais e religiosos convencionais, de princípios calcados nas relações, foi motivado pelo prazer que dedicou ao seu fazer literário, com um desvio estético laborado pelas pegadas percorridas pela memória do ervateiro que se fez escritor.

Destacando-se pelo ineditismo da linguagem, essa obra retrata o cotidiano no erval, as diferentes funções desenvolvidas pelos ervateiros e os personagens emblemáticos que constituem o folclore sul-mato-grossense através de histórias. Hélio se utiliza da transcrição para caracterizar o falar local, de modo especial dos ervateiros da fronteira, do homem matuto e simples desse sertão: a escrita de Serejo em *Carai Ervateiro* é salpicada de neologismos, marcas de oralidade e adjetivos inesperados: *xaquá*, *aperitivistas*, *mensualeiro*. O hibridismo linguístico, observado em todas suas produções, tem forte presença aqui, são formas que tem origem no Guaraní – *Teyu-rugway*, *Mitãrusu*, *Uru* – e no Espanhol – *Venas*, *Ponchada*, *Muchacho*, dentre outros.

Para não abrir mão de nenhum desses aspectos, trilhados pelo homem fronteiriço e que compõem nosso corpus, optamos pela primeira edição da obra (figura 14), uma vez que os “desvios” apresentados passaram por uma correção no processo de revisão e organização das Obras Completas.

FIGURA 14 – Capa da obra Carai Ervateiro, de Hélio Serejo.



FONTE: SEREJO, 1990.

A capa de Carai Ervateiro contém imagens que evidenciam ser o homem o próprio erval. De acordo com Vilela (2017), fica clara a relação do corpo com o lugar, com a paisagem. A capa do livro de Serejo mostra o homem na lida do campo traz consigo os signos paisagísticos do locus.

Carai ervateiro é a própria história da erva. Ele escolheu o mundo bruto da caá para a sua vivência porque era um enfeitado das arboleras, barbaquás e tapes. Será, ele, imperecível!... (SEREJO, 1990, p. 2).

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos os itens lexicais de origem guarani encontradas na obra *Caraí Ervateiro*, de Hélio Serejo. Em seguida nos debruçamos sobre os itens considerados empréstimos conforme os critérios estabelecidos na metodologia. Buscamos manter um paralelismo formal de análise, ou seja, na sequência de cada apresentação faremos, inicialmente, uma contextualização na obra, depois a acepção encontrada (ou não) em dicionários de língua portuguesa, espanhola e guarani e/ou em obras da literatura, em seguida estabeleceremos a relação entre as acepções encontradas e os significados na obra em si, a fim de encontrar o sentido mais apropriado.

4.1 VARIANTES GUARANIS

Chamaremos de variantes guaranis as palavras dicionarizadas como tal. Segundo Tarallo (2002), variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

Trazemos aqui um quadro com todas as palavras encontradas na obra *Caraí Ervateiro* que são notadamente empréstimos da LG:

QUADRO 1 – Palavras de origem da LG extraídas da obra *Caraí Ervateiro*.

1. Acaê	2. Açu
3. Añamiva	4. Apepu
5. Aper	6. Arboledas
7. Arboleras	8. Assu
9. Bacaiúva	10. Baguarí
11. Barbacué	12. Bugre
13. Cáa-caigue	14. Caacui
15. Cáaquaras	16. Caatí
17. Caa-vari	18. Cajaré

19. Carai	20. Carapanã
21. Carpa	22. Catins
23. Caú	24. Cavaju
25. Cava-pitã	26. Cava-putiã
27. Changa-y	28. Chaquá
29. Chiripá	30. Coápe
31. Conchavado	32. Conchavar
33. Cuña	34. Cuñaimenave'yva
35. Embaguaris	36. Garupeira
37. Guaino	38. Guaripola
39. Guatambu	40. Guavirá
41. Guenza	42. Hasy
43. Hyrá	44. Ipehú
45. Jabe	46. Jaguarembó
47. Jaó	48. Jarará
49. Ja-te-bu	50. Jateí
51. Jerokí	52. Jirau
53. Kuimba'ê,	54. Machazo
55. Macucana	56. Marangatu
57. Mazoro	58. Mbavijára
59. Mbcará	60. Mboeva
61. Mboi-chini	62. Mboi-rini
63. Mborovirê	64. Mbovi
65. Mboy-ytiapê	66. Mbtu
67. Mbtusayû	68. Mburear
69. Mbureava	70. Mbureo
71. Mbutu-puitã	72. Mensu
73. Mensualeiro	74. Mitãrasu,
75. Mondaha	76. Monday-hã
77. Mongaray	78. Mutucal
79. Naco	80. Ñaná
81. Nandejara	82. Nangarekuara

83. Nhá	84. Nhandu-cavaju
85. Nhandu-puiçum	86. Overada
87. Overêo	88. Passaú
89. Paye	90. Picanas
91. Pindó	92. Pitã
93. Pochoto	94. Ponchada
95. Porongo	96. Quartã
97. Quicé	98. Raido
99. Raído	100. Raido-sã
101. Sapé	102. Sapêco
103. Soncêra	104. Soó-pirú
105. Tacuapi	106. Taicho
107. Tají-pacu	108. Tape-guaçu
109. Tape-hacienda	110. Tape-poi.
111. Tapes	112. Techangatá
113. Tembi'ũ	114. Tembiú
115. Terçã	116. Teyu-rugway
117. Tiru	118. Tiru
119. Tirú	120. Topuitá
121. Tú	122. Tungueada
123. Tupã-angeimbyre	124. Urú
125. Xaquá	126. Yaguarembó
127. Yerba	128. Yrisu
129. Yurumby	130. Yurumby-i

FONTE: Elaborado pela autora, 2018.

Devido ao grande número de palavras levantadas optamos por descrever aqui apenas as palavras mais “produtivas”, ou seja, aquelas que aparecem com bastante frequência no texto e que representam elementos típicos do contexto e da cultura do erval.

A seguir analisaremos as seguintes palavras selecionadas.

QUADRO 2 – Palavras de origem da LG, extraídas da obra Carai Ervateiro, selecionas para proceder a análise.

1. Nhandu	2. Mitãrasu
3. Mbutu	4. Caa
5. Mboi	6. Tape
7. Cunha	8. Quicé
9. Tembiú	10. Tupã

FONTE: Elaborado pela autora, 2018.

A seguir apresentamos as análises seguindo os critérios que estabelecemos anteriormente.

4.1.1. Nhandu [ɲɛd'u]

Na obra Carai Ervateiro encontramos o registro de *nhandu*, especificamente nos trechos a seguir:

Se o peão ervateiro,deixar uma cruz de cipó, *nhandu-puiçum*, encontrará a mulher que procura. (p. 22, CE)

“De que morriam esses rapazinhos, já de responsabilidade sobre os ombros. Vamos enumerar – no cunho da verdade – a ‘causa mórtis’ desses pequeninos heróis que mal sabiam assinar o nome: maleita, apendicite supurada, coice de animais [...], picada de escorpião, *nhandu-cavaju* [...].” (Carai Ervateiro, p. 54)

No glossário apresentando por Serejo, ao final desta mesma obra, não encontramos nenhuma referência ao termo, reafirmando assim, a necessidade de estudos voltados a este vocabulário tão rico e representativo do contato cultural e linguístico existente nessa região, para que os leitores, não falantes da língua guarani, possam ter uma fonte de consulta que lhe ajude a apreciar e entender a obra com mais facilidade.

Através do contexto do primeiro fragmento não conseguimos apreender nenhum significado, tampouco que se encaixasse ao segundo caso, que por sua vez traz a ideia de algum inseto, pois está ligado ao termo picada (considerando o campo semântico).

Logo, confirmamos a riqueza de significados que o autor traz, constatando duas acepções diferentes:

Nos dicionários¹³ de língua portuguesa consultados não encontramos o registro dessa palavra, o que reforça o fato de ser uma palavra de origem não portuguesa.

Em Dooley (2006) encontramos várias acepções, sendo referentes 1. a espécie de aranha, 2. certa ave grande, 3. Constelação; ainda, enquanto prefixo –*nhandu* carrega o sentido de satisfeito após comer.

Em Clerot (2011), encontramos uma acepção satisfatória considerando o contexto em que a palavra aparece: como termo da Zoologia, o termo científico *Rhea americana* L., *R americana intermedia* Rothsch. e Chubb. e *R. Americana albescens* Arribal de Holmb., referindo-se as aves da família Rheidae, vulgarmente nomeadas “emas”. É importante lembrar que as emas compõem a fauna sul-mato-grossense e são facilmente avistadas nos campos. Ainda na Zoologia, *nhandu* é um termo genérico dado às aranhas. Etimologicamente, *nhandu* carrega a acepção de um acontecimento que corre com estrépito, na fragmentação da palavra, encontramos: *nhã* = *correr* + *ndú* = *rumor*, *estrépito* (CLEROT, 2011).

FIGURA 15 – Aranha armadeira, *nhandu*



Fonte: <https://www.spidersworld.eu/en/females-and-pairs/270-nhandu-chromatus-female-7cm-brazilian-red-and-white.html>

No glossário *Pororoca, Pipoca e Paca* (BAGNO e CARVALHO, 2014), encontramos a definição tal como em Clerot (2011), a obra traz informações

¹³ Dicionários consultados: Houaiss, Aurélio, Michaelis.

interessantes ao leitor, revelando características das variantes que não foram incorporadas à língua portuguesa:

Curiosamente, alguns animais muito conhecidos da fauna brasileira tiveram seu nome tupi adotado por outras línguas, mas não pelo português. É o caso da onça-pintada (jaguar), da anta (tapir) e também da ema, que também pode ser chamada de nhandu, um nome bem menos conhecido no Brasil, mas que está na origem das formas usada em inglês, francês, alemão e espanhol para falar dessa grande ave (BAGNO; CARVALHO, 2014, p. 87).

FIGURA 16 – Ema e seus filhotes



Fonte: <https://casadospassaros.net/ema-animal/>

Como visto acima, o termo em questão é polissêmico, derivando as palavras encontradas em Serejo (CE) *nhandu-puiçum* e *nhandu-cavaju*, a fim de compreender o significado dessas, buscamos o sentido atribuído aos afixos.

Durante as leituras realizadas para levantamento teórico deste trabalho, encontramos em Selva Trágica, Donato (p. 29) o tratamento da palavra *puiçum*[pujs'ũ], que carrega o sentido de dedo. Logo, *nhandu-puiçum* significaria dedo da ema. Dessa forma, podemos compreender que se trata do nome dado, por extensão, à bifurcação dos caminhos do erval. Poderíamos ainda trazer para este trabalho incontáveis exemplos que fazem parte da narrativa, ou seja, palavras que são traduzidas e explicadas pelas palavras em glossário, editadas por seu autor, as quais servem para caracterizar a linguagem híbrida dos ervais.

É importante destacar aqui o cuidado do autor em manter as palavras em guarani, sendo fiel ao linguajar local:

As marcas de oralidade apresentadas nas obras e analisadas têm a função principal de representar a linguagem dessa comunidade sul-mato-grossense, herdada pela região e pelos falantes atuais do português local, em que o mundo dos ervais se faz presente hoje não apenas pelas rodas de tereré, mas também pelo vocabulário, as expressões que resgatam essa época. Percebe-se o grande domínio de Serejo tanto da Língua Portuguesa, como do Espanhol e Guarani, através de sua escrita e suas construções, permeadas pela fala do povo que retrata (FERREIRA, 2014, p. 344)

Também é válido mencionar que, de acordo com Ferreira (2014):

as marcas de oralidade podem ser definidas como elementos que auxiliam na construção, na coesão e coerência do texto falado. Funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto, mas também de seus interlocutores, revelando e marcando as condições de produção do texto (Urbano, 2001, p. 86). Portanto, são palavras ou expressões, mais ou menos convencionalizadas e Hélio Serejo as utiliza infringindo a norma padrão/culta prescrita pela gramática normativa, para transcrever uma estrutura própria da linguagem oral e representativa do homem ervateiro da fronteira Brasil/Paraguai (FERREIRA, 2014, p. 345).

Não podemos deixar de fazer a tradução das mesmas, na forma de um glossário, para que o leitor tenha conhecimento dos termos, e, conseqüentemente, maior compreensão da narrativa.

Quanto ao termo *cavaju* [kavaʒ'u] encontramos referência na obra de Montoya (2002) e se trata de uma hibridização da língua indígena com o espanhol: *cavaju* – *kavaju* – “*caballu*” – *caballo*. Tal processo, trata-se de uma mudança linguística previsível, uma vez que a questão fonética tem ligação direta com esse processo: na região do Prata, locus da pesquisa, a pronúncia para cavalo se dá como “cabajo” ou “cavajo”. Na variante em específico observamos a assimilação progressiva, resultante da aproximação em seu modo/ponto de articulação ou mesmo identidade total entre fonemas existentes na mesma palavra, influenciando um sobre o outro, no caso, a vogal /o/ pela vogal /u/. (u > o) que são contíguas, quanto a zona de articulação (ambas são vogais posteriores) e fechadas quanto ao timbre.

Ainda no dicionário de guarani-espanhol de Montoya (2002), encontramos *Kavaju*, correspondente a *tenda* que por sua vez é definido por montado, armado, de acordo com o dicionário de espanhol-português consultado. A partir daí, entendemos que a palavra em questão pode referir-se à aranha armadeira, aracnídeo da cor preta, bastante comum no ambiente dos ervais, mencionado por Serejo em algumas passagens.

Dentre outras maleitas, representava um perigo aos habitantes, como é retratado nessa passagem, os recorrentes óbitos entre os *mitãrasus* (ver sig.) que, precocemente, iniciavam na laboração da erva mate. O percurso gerativo de sentido refere-se ao plano de conteúdo de um texto e preocupa-se com o modo como o sentido nele é construído, nesse caso a construção é metafórica, o sentido é construído fora do universo em que se insere.

Todo esse processo de investigação justifica tal pesquisa, uma vez que esse processo pela busca de sentido, necessário para a compreensão, pode afastar o leitor da obra. Voltando ao contexto escolar, por exemplo, Todorov (2009) afirma que muitos docentes centram-se apenas no estudo de significado do texto e não para práticas metodológicas voltadas à crítica, teoria, periodização de história literária, afastando-os dessa forma, da literatura e da contribuição para a formação humana.

4.1.2. Mitãrasu [mit'ẽrazu /mit'ẽresu]

Em Carai' Ervateiro encontramos o registro da variante *mitãrasu*, como podemos ver no excerto a seguir:

Todos os *mitãrasu*, mesmo de pouca idade, por força das circunstâncias, iam se tornando homens, realizando trabalhos destinados geralmente a adultos experimentados. (SEREJO, 1990, p. 54)

Serejo traz no glossário desta obra uma curta definição para o termo. Deste modo, o leitor iniciante e não conhecedor do idioma guarani pode, além da tradução, entender um pouco de sua carga semântica para a narrativa.

Nos dicionários¹⁴ de língua portuguesa consultados não encontramos o registro dessa palavra, o que reforça o fato de ser uma palavra de origem não portuguesa.

Assim como aconteceram repetidas vezes ao longo dessa pesquisa, aqui tivemos que desmembrar a variante na busca pela significação:

O radical *mitã* (é radical pois também encontramos *mitã aja*, *mitãchu'i*) é encontrado no dicionário de Montoya (2002), com o significado de bebê, criança,

¹⁴ Dicionários consultados: Houaiss, Aurélio, Michaelis.

menino. O sentido posto por Dooley (2006) vem ao encontro desse sentido, referindo-se a bebê.

Quanto ao radical açu/assu (pois também origina Iguaçu, Paraguaçu, jacaré-açu), encontramos em Clerot (2011), referência à geografia, especialmente nos estados brasileiros do Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro e Goiás. Etimologicamente, o autor traz a acepção adjetiva de grande. Em Dooley (2006) não obtivemos nenhuma informação referente.

Em Bagno e Carvalho (2014), encontramos apoio às informações colocadas acima:

A palavra guasú quer dizer ‘grande’ e se junta a palavras que nomeiam animais, árvores, frutas, rios, etc. A depender da palavra a qual se junta, aparece em português com –guaçu, -uaçuou –uçu. (BAGNO; CARVALHO, 2014, p. 18).

A partir dessa investigação podemos inferir a acepção, que trata de um menino entre 12 e 15 anos. Podemos também notar o processo de união dos radicais, ocorrendo uma adaptação à pronúncia e grafia da língua portuguesa, através do acréscimo da letra /r/. Temos, desse modo, a constatação das palavras em guarani que fazem parte dos diálogos nos ervaís e foram preservados na composição de algumas variantes em uso.

Deparamos-nos também com a denúncia da exploração dos trabalhadores ainda jovens, das condições trabalhistas análogas ao trabalho escravo, como observamos no trecho “quicé na cintura e a faixa colorada que defendia os órgãos, de estrangulamento, quando o peso era fora dos limites da idade.” (SEREJO, 1990, p. 54).

A partir dessas descrições, é possível também lançar uma pequena luz sobre o fenômeno da invisibilidade a que foram postos, historicamente, não somente os Guarani, mas os demais povos indígenas que habitam hoje o Estado do Mato Grosso do Sul. As notícias, as opiniões e comentários da população sul-mato-grossense, relacionados aos indígenas, quase sempre estão associados a termos depreciativos e preconceituosos, como os verificados no período em que a obra de Serejo foi escrita. Hoje, conhecemos os problemas que a colonização deixou para os povos guarani (e demais povos indígenas do estado de Mato Grosso do Sul) e o sofrimento que os acompanha desde a chegada dos bandeirantes.

4.1.3. Mbutu [mbut'u]

A variante *mbutu* é recorrente nas obras de Serejo, o trecho a seguir exemplifica uma de suas ocorrências:

Surgem os *mbutus*, aos poucos, porém, logo são centenas a atacarem violentamente” (SEREJO, 1990, p. 9)

Ocorre ainda a derivação, como é o caso de *mbutu-puitã*, que observamos no seguinte trecho de Carai Ervateiro:

Quando *carai ervateiro*, abatido, rosto deformado, retorna a ranchada, é um homem esmorecido porque a *mbutú-puitã* fez dele um rapo, um dasasado, um buscador de erveiras estrangulado, brutalmente, pelo sofrimento. (SEREJO, 1990, p. 10)

Os dicionários de língua portuguesa consultados, não fornecem nenhuma referência aos mesmos. Sendo assim, novamente nos propomos a desmembrar a palavra em radical e afixos a fim de buscar o seu significado. Em Clerot (2011) encontramos *Utú*, que está voltado ao vocabulário da geografia e faz referências ao estado do Rio de Janeiro. Na mesma obra, encontramos o tratamento etimológico para *Y'tú*, palavra que tem origem no guarani e significa salto d'água, cascata, catarata. Entretanto, essas acepções não se encaixam ao contexto da obra, tampouco revelam dados válidos para nossa pesquisa. Sendo assim, optamos por buscar em dicionários de língua espanhola, uma vez que esta língua também tem bastante relação com a região de fronteira tratada em nossa pesquisa.

Dooley (2006), traz *mbu-* no sentido de estalo e como variante do verbo intransitivo furar; *-u* como adjetivo designando preto e *-tu* como partícula átona que indica brusquidão. No dicionário de Montoya (2002), de LG, encontramos *mbutú* carregando significado de *tábano* (esp.), que por sua vez significa mosca, de acordo com o dicionário Señas.

Ocorre ainda a derivação por justaposição – uma vez que ambos radicais foram integralmente preservados – de um segundo substantivo, como observamos no excerto de CE citado logo acima: *mbutú-puitã*.

A partir do contexto podemos inferir que o autor novamente se refere a uma maleita, assunto de grande recorrência em seus textos. A fim de uma aceção satisfatória, consultamos dicionários de língua Guaraní e apenas em Montoya (2002), foram localizadas informações que consideramos relevantes. O termo *puitã* [pujt'ẽ] surge como uma derivação de *pytáe* significa vala/barranco vermelho ou sangue vermelho.

Diante dessas aceções, acreditamos que a segunda é mais coerente, referente a esse contexto, portanto o *mbutú-puitã* se refere a uma mosca que suga sangue. Em Stein (2003) encontramos várias referências a moscas encontradas em países tropicais, como o Brasil, que se alimentam de sangue e ainda transmitem doenças, sendo os sintomas comumente detectados o cansaço, prejuízo à coordenação e alucinações, assim como registra Serejo.

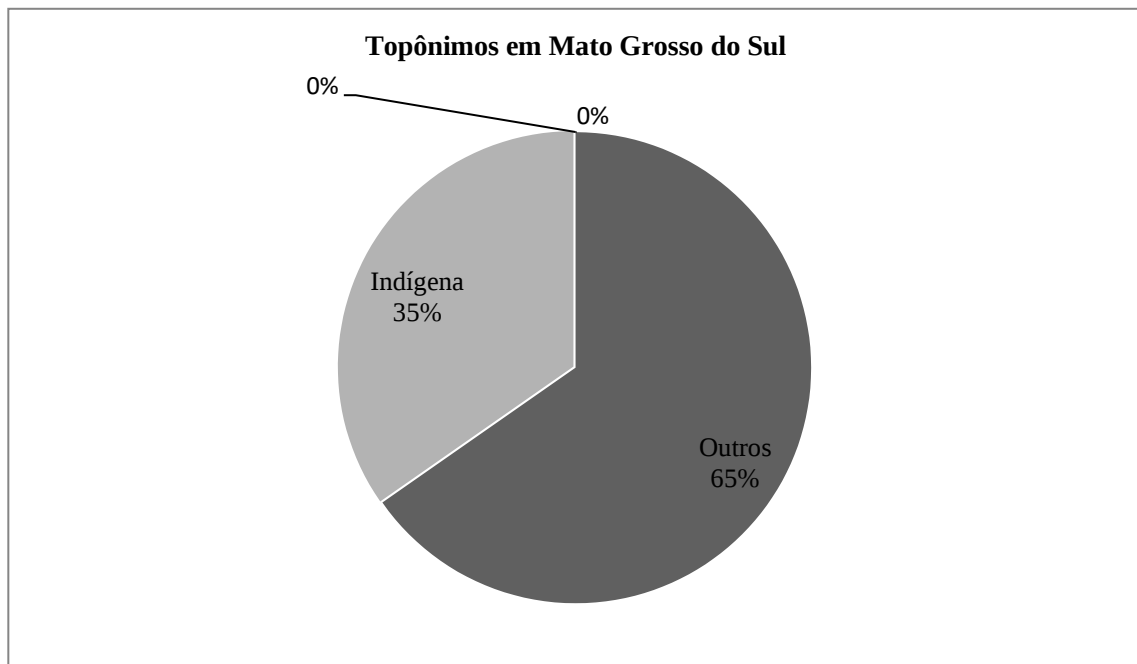
É interessante notar como muitas dessas palavras constituem o vocabulário do estado e fazem-se presente, especialmente na toponímia, como no caso de Sanga Puitã, distrito do município de Ponta Porã, dentre muitos outros casos registrados no ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul. Sampaio (1987), a respeito da predominância das línguas indígenas nas denominações geográficas afirma:

As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, trocam-se, substituem-se nomes portugueses de antigas localidades por outros de procedência indígena, às vezes lembrados ou compostos na ocasião, às vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionais (SAMPAIO, 1987, p. 63 apud TAVARES, 2016, p. 3)

Na região Sul do estado de Mato Grosso do Sul, a influência da língua indígena é ainda mais notável. Dados do ATEMS elencam 4.135 nomes de acidentes geográficos, desse total, 841 são topônimos de origem indígena ou compostos por pelo menos um elemento dessa língua. Consideramos válido a apresentação do gráfico (GRÁFICO 1) a

seguir, apresentando a proporção de nomes indígenas em relação ao total coletado no Estado:

GRÁFICO 1 – A Origem de topônimos em Mato Grosso do Sul



FONTE: TAVARES, 2016.

A partir do gráfico verificamos que aproximadamente um terço da toponímia de Mato Grosso do Sul é de origem indígena. Essa incidência é ainda maior em alguns municípios, principalmente do Sul do Estado, como citamos anteriormente. Essa característica encontra justificativa na permanência e grande concentração desses povos até hoje. (TAVARES, 2016).

Por fim, mais uma vez podemos observar que Hélio Serejo descreve em todas as suas obras, seja em prosa ou em verso, o homem, os animais e os ambientes. Ele coloca no papel tudo o que presenciou enquanto acompanhava o romper das estradas em busca de ervais. Quem lê suas obras se transporta para aquele tempo em que a vida nada valia e se travava uma luta diária entre os ervateiros e o ambiente.

4.1.4. Caá [ka'a]

Era necessário, acima de qualquer outro feito, que se descobrissem os mistérios dessa planta, a que os brancos chamavam erva e os guaranis, do Paraguai e Uruguai, *caá*. [...]. (SEREJO, 2008, p. 11)

FIGURA 17 – Trabalhadores dos ervais, ou, caraís ervateiros.



Fonte: <http://amambaipatrimoniouniao.blogspot.com/>

Toda a fascinação e escrita de Serejo se dá em torno da *caá*, a erva mate. O deslumbramento pelo cultivo e laboração é tanto que o autor refere-se ao erval como o eldorado da *cáa*. O autor a define em seu glossário de forma simplificada e são incontáveis os termos derivados a partir dela: *caatins*, *caapivari*, *caacui*, *caa-vari* e intitula um dos principais registros da história de Mato Grosso do Sul: *Caraí Ervateiro*, talvez a mais significativa exposição das vivências dos trabalhadores do erval.

Nos dicionários de língua portuguesa e língua espanhola consultados para este trabalho não encontramos nenhuma referência ao termo primitivo, somente em alguns casos de derivação, o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, faz menção à origem do termo capim:

capim¹ [Do tupi = ‘folha delgada’] S.m. Bras. Angol. Cabo-verd. Guin. Moç. Santom. Bot. Designação comum a várias espécies de poáceas e de ciperáceas, quase todas usadas como forragem.

No dicionário Caldas Aulete são registradas algumas das derivações incorporadas à LP, porém não fazem menção a origem das mesmas e as respectivas acepções são simplificadas.

Em Dooley (2006), temos *ka-* como raiz de planta e *-a* está classificado como sufixo nominalizador.

Bagno e Carvalho (2014) inspecionam minuciosamente o termo e corroboram com nossa suposição de que se contam às centenas palavras do português brasileiro que contêm o elemento *Caa-*, a citar alguns exemplos: *caatinga*, composta pelo radical *kaá* e o afixo *tinga*, que significa branco. Refere-se ao bioma brasileiro, típica do nordeste, com espécies de plantas encontradas somente nessa região; *capim*: *kapíi*; *caipira* e *caipora*: ambos derivam de *caapora*, que designa um habitante da mata; *capivara* que é composta por *kapíi* (de *capim*) e *guara* (que come).

Novamente observamos a influência do Guaraní nos toponímicos, o elemento *Caa-* ou a redução para *Ca-* fazem-se presentes em muitos municípios de diversas regiões brasileiras: *Caarapó*, no estado de MS, quando *ka'a* junta-se a *rapó* (raiz).

É importante mencionarmos aqui que, na cultura Guaraní, o surgimento da erva mate tem uma conotação espiritual conforme conta a sua lenda (ver anexo 1).

Clerot (2011), faz referência etnográfica aos índios cayapó, que habitaram parte do estado de Mato Grosso, Goiás, Minas e São Paulo; Bagno e Carvalho (ibidem) fazem referência a *Cajuru*, no estado de São Paulo e traz o significado de boca da mata, pela derivação por justaposição de *káa* com *júru* (boca), a *Catanduva*, também no estado de São Paulo e *Catandubas*, no Paraná e em Santa Catarina, onde *kaá* recebe os afixos *atã* (duro) e *tiya* (ajuntamento), designando uma área de cerrado.

Clerot (2011), traz ainda a acepção da botânica como folha, folhagem, planta, erva, mato, mata. Etimologicamente, *cá-ab*: o que cresce; de *cá* determinativo da 1ª pessoa, unindo-se a *ab*, derivado de *yab*, abrir-se, brotar, crescer. Nesse glossário encontramos muitos exemplos de palavras que fazem parte do nosso vocabulário e derivaram desse radical: *caboclo*, de *caaboco*; *capoeira*, de *capueira*, originalmente *caapueira*, dentre mais de 45 entradas;

Somente na obra que constitui nosso corpus são encontradas mais de 10 palavras derivadas de *Caá* e é um dos termos registrados com maior frequência, inclusive a intitula. De acordo com Clerot (2011), etimologicamente, o termo carrega o sentido de astuto, velho, além de constituir a toponímia de estados como o Espírito Santo, Minas

Gerais. Já na zoologia, integra a família *Cebidae*, família de primatas da América do Sul.

O *carai* surge, nesse contexto, como uma personificação da erva, fortalecendo, ainda mais, a relação homem-meio ambiente, ao ponto de um adquirir características do outro devido à integração natural.

Carai ervateiro é a própria história da erva. Ele escolheu o mundo bruto da caá para a sua vivência porque era um enfeitiçado das arbores, barbaquás e tapes. Quando adentrou a jungle, sabia que iniciava uma vida de sofrimentos inenarráveis. Estava preparado. Não cairia vencido, assim, tão facilmente. Era uma predestinação, só lhe restava cumpri-la. E foi o que fez. Os nossos caminhos foram os mesmos. Iguais em tudo. Jamais mudamos a direção. A fé sempre foi a grande força. (SEREJO, 1990, p. 2).

Carai ervateiro, diretamente ligado à Mate ou produzindo por conta própria, foi, indubitavelmente, o grande herói dessa epopéia gigantesca. (SEREJO, 1990, p. 74)

Como bem afirma Silva (2010), percebemos na escrita de Serejo o ufanismo em relação aos trabalhadores e, ao mesmo tempo, a preocupação em registrar a importância desses *carais*— homens e mulheres —, que têm pouco reconhecimento na historiografia de nosso estado.

O que se depreende, das memórias do autor sobre as relações de trabalho, é que embora não haja, em sua obra, uma crítica radical à exploração, há o reconhecimento e a exposição dos sofrimentos enfrentados pelos trabalhadores e da importância deles para a atividade econômica desenvolvida nos ervais. Há que se considerar, ainda, que apesar do valor do conhecimento que detinham, permaneciam sujeitados às precárias condições de trabalho, ou seja, mesmo sabendo, de uma forma superficial, da importância que tinham no processo, não havia ali condições, tanto no plano objetivo quanto subjetivo para que se desvencilhassem desse tipo de exploração (SILVA, 2010, p. 64).

Como tratamos em outro momento dessa pesquisa, percebe-se uma minimização desses trabalhadores, desconsiderando nossa história construída por todos os homens.

Ao se ocultar a real importância do trabalhador nas relações sociais, diminuindo-o a uma mera ferramenta do capital, contribui-se para manter a exploração (SILVA, 2010, p. 64).

Aí reside mais uma justificativa para trabalhos que abordem essa temática, dando vós aos verdadeiros “heróis da erva”.

4.1.5. Mboi [mb'oj]

Como já apresentamos em outras passagens, Serejo fideliza-se ao falar do erval, pautando-se na oralidade e transpondo-a à escrita. O termo em questão, por exemplo, apresenta duas grafias: *mboi* e *mboy*, utilizadas aleatoriamente dentro da obra. Velázquez-Castillo (1993) afirma ser comum tal alternância no Guaraní, em função do contato com a língua portuguesa.

[...] a causa “mórtis” desses pequeninos heróis que mal sabiam assinar o nome: maleita, apendicite supurada, coice de animais, queda de erva quando ajudavam no tiru, arrebatamento dos rins, esmagamento no tombo da carreta, picada de mboi-chini, mboi-ytiapê, jarará [...]” (SEREJO, 1990, p. 54).

A partir do contexto, inferimos que o termo refere-se a uma das inúmeras maleitas do erval, porém, a partir do excerto trazido aqui não foi possível extrair um significado satisfatório. No glossário elaborado pelo próprio autor encontramos a designação do termo *mboi-xini* (*chini*) como cobra cascavel. Mais uma vez observamos a alternância na grafia, em alguns trechos ainda vemos *rini*, acreditamos que seja uma tentativa de transcrição fonética, que se justifica fonologicamente em [ˈri.ni].

Nos dicionários de Língua Portuguesa consultados não encontramos referência ao termo, enquanto em Montoya (2002), *Tesoro de la Lengua Guaraní*, o termo surge como acepção de serpente. A partir de Dooley (2006), temos aparatos que nos levam a compreender o processo derivacional: encontramos *mbo-* como um prefixo causativo que forma um radical verbal transitivo, de um radical verbal intransitivo, adjetivo, ou substantivo: *-mboi* tirar, destacar; *-mboaku* esquentar; *-mboa'y* rachar, sendo mais apropriado, para este contexto a primeira acepção, pois na cultura Guaraní temos a explicação que a cobra tira a vida ou o espírito das pessoas.

Clerot (2011) também traz a acepção genérica aos ofídios e etimologicamente concorda com estes significados, apresentando ainda as formas reduzidas *boi*, *baya*, *moy*, *moya*. Tal alternância entre /b/ e /m/ possivelmente se deve ao ponto de articulação bilabial, comum entre as mesmas. Neste dicionário ainda encontramos dados da toponímia, como no exemplo de M'boi Mirim, no estado de São Paulo.

Durante o levantamento de dados, encontramos os termos *mbourear* e *mbureava*, que Serejo traz em seu glossário com as acepções de gritar e gritava, respectivamente. A princípio, acreditávamos que, ao desmembrar a palavra em seus afixos, identificaríamos uma proximidade de significados, em função do radical. Entretanto, a língua Guaraní revela mais uma vez sua riqueza e esse o dialeto fronteiriço, por sua vez, dá sinais do hibridismo: Dooley (2006), apresenta o significado da variante *mbu* como estalo com os dentes/boca, unindo-se ao sufixo verbalizador, da LP, *-ear* designa gritar, gritava.

Reafirmamos assim o empreendimento de Serejo em fazer conhecer as marcas identitárias desse entre lugar, que é a fronteira de Mato Grosso do Sul através da reconfigurada linguagem.

4.1.6. Tape [t'api]

Eral de proprietário caprichoso ou de habilitado de boa visao e que deseje produzir em regular escala, possui, pelo menos, quatro tapes-guaçu, cinquenta tapes-hacienda e, obrigatoriamente, para mais de duzentos tapes- poi (SEREJO, 1990, p. 6)

A leitura das obras serejianas proporciona conhecer o mundo do erval e suas marcas identitárias, seja do ponto de vista humano e suas relações ou desse entre-lugar, o erval, o antigo Mato Grosso através dos registros sobre a topografia, a flora, a fauna, etc (PACHECO, 2013). Hélio Serejo nos transporta para aquele tempo e são suas preciosas descrições as responsáveis.

Como bem afirma Bertolucci (2014), aqui também ocorre a personificação do ambiente e a denominação atribuída às estradas – *tapes* – evidencia os perigos que o peão ervateiro enfrenta no processo de extração.

Na definição literal *tape*, é definido por caminho, estrada, como Serejo apresenta no glossário ao final da obra *Caraí Ervateiro*.

Em Clerot (2011) temos a acepção etimológica significando “na aldeia”, onde *ta*, redução de *taba*, significa aldeia e *pe* equivale as preposições *no*, *em*. O autor traz uma informação importante a respeito do *s*, que é desinência de plural e tem origem na LP, caracterizando seu uso como um aportuguesamento. No mesmo glossário temos exemplos na toponímia, como é o caso de Tapes, no estado do Rio Grande do Sul. Nos dicionários de LP consultados somente no Dicionário Aurélio temos referências ao município de forma bastante simplificada, sem menções à origem da mesma. Dooley (2006), corrobora com a acepção de caminho, apresentando derivações como *tapeo*, sendo forma irregular do imperativo no plural do verbo intransitivo *ir*.

O termo em questão é de grande recorrência em todas as obras de Serejo, especialmente em *Caraí Ervateiro*, que constitui nosso corpus de pesquisa. São apresentadas ainda derivações que denunciam a preocupação de Serejo em apresentar-nos o erval: *tape-guaçu*, *tape-hacienda* e *tape-poi*.

Guaçu, de acordo com Serejo, adjetiva o caminho melhor cuidado, sem buracos. Etimologicamente, é definido por Clerot (2011), como a caça grande. Derivado de *Çoó-açú*, *çoó*: animal, bicho e *açú/assú/suaçu*: grande. Na zoologia, comunga com a informação de Dooley (2006), referindo-se ao veado-campeiro. A partir daí entendemos que *tape-guaçu* conota o caminho mais amplo do erval que dá acesso às demais estradas e, portanto, precisa estar em bom estado, visto a grande circulação.

Em *tape-hacienda* temos mais um caso de hibridismo, sendo que *hacienda* tem origem na LE e traz o significado de fazenda, de acordo com os dicionários consultados. Serejo define em seu glossário como o caminho principal e a partir do contexto entendemos que se trata da estrada que dá acesso às casas, à sede das propriedades. Tem ainda sentido metafórico, representando o descanso, o final do dia e da laboração.

Por fim, *poi*, traz a curiosa definição de Serejo como “trilho de cabra”, expressão essa que designa, segundo Teixeira (2008), como um caminho estreito, difícil de percorrer. É esta estrada que corta as demais, permitindo o corte da erva mate. Dooley (2006), traz o significado que cabe exatamente nesse contexto: abandonado, “são trilhos estreitos, mal cuidados” (CE, p. 6).

Como citamos anteriormente muitos termos empregados por Serejo assumem caráter metafórico e temos a impressão que são eles portadores exclusivos da carga sentido desejada pelo autor, caso fossem substituídos, não teríamos o mesmo teor atribuído ao texto. Os tapes, por exemplo, surgem como uma representação da trajetória de vida dos peões: por vezes passam por caminhos tortuosos, onde ficam inconscientes, assombrados, mas logo encontram um novo caminho, que os direciona a um novo trabalho e a novas possibilidades, assim como nas intempéries da vida:

[...] resoluto, cantalorando baixinho, abaixa a cabeça febricitante, e se põe a caminhar em busca de novo trabalho e novas esperanças... (SEREJO, 1990, p. 7).

4.1.7. Cunha/cuña[k'upɐ]

Este livro, todinho cheirando a erva, estaria incompleto, se não constassem em suas páginas, os nomes de algumas dessas cuñas admiráveis – heroínas de considerável porte – que nos ajudaram, com denodo ímpar, a penetrar o grande desconhecido da erva (SEREJO, 1990, p. 74).

Serejo faz menção às diversas e valorosas personagens que compuseram esse mundo do erval, o autor faz questão de citar o nome destas heroínas, ainda que poucas, mas dignas de representação. O dicionário de LP Aurélio faz menção ao substantivo feminino, porém o significado simplista de mulher não é suficiente para designar o que as *cunhas* representaram no sacrifício do erval.

Acreditamos que esse item lexical requer um tratamento além da acepção etimológica e simplista em sua origem, apresentado por Clerot (2011): *cũ-nhã*, derivado de *cuyá*: a língua que corre, a linguaruda, a faleira; de *cõy*: par; *coyar*: a que faz par.

Amato e Araújo (2016) desdobram seu trabalho sobre a violência contra a mulher fronteiriça nas obras de Serejo, inclusive em *Carai Ervateiro*. Após debruçarem-se sobre as relações sociais na teoria marxista, as autoras observam uma série de narrativas em que o autor, tido como memorialista dos ervais, apresenta personagens femininas, vulneráveis aos diversos tipos de violência na região de fronteira, podendo citar, na obra em questão, o exemplo no conto da velha Brígida, ou da mulher de Carai

Manuel Ramos. Assim como Tomaz Larangeira exerceu domínio sobre os trabalhadores dos ervais, mais uma vez, numa configuração patriarcal, a mulher do erval estava minimizada sob o domínio do homem. Através do discurso do autor, entende-se que os trabalhadores eram merecedores de momentos de deleite, ou seja, da prostituição.

As autoras mencionam que Serejo retratou tudo que viu e ouviu na fronteira: o cenário pós guerra, economicamente devastado, onde a mulher paraguaia era submissa, uma vez que estavam à margem, onde as filhas, virgens, eram vendidas pelo pai, a mulher submissa economicamente era violentada pelo marido. Notamos que há uma comoção e a tentativa por parte do autor de enaltecê-las pela força, resiliência e por tudo suportarem.

4.1.8. Quicé/Kyse [kis'ɛ]

São decorridos, aproximadamente, 50 anos e os vejo ainda, com a exótica indumentária de peão ervateiro, quicé na cintura e faixa colorada que defendia os órgãos, de estrangulamento, quando o peso era fora dos limites da idade. (SEREJO, 1990, p. 54-55).

O *quicé* traz o significado de faca, canivete, abordado pelo próprio autor no glossário, ao final da obra em questão. Representa os conflitos entre os trabalhadores e toda a brutalidade que permeava o mundo do erval.

Nos dicionários de LP consultados, localizamos referência ao termo, citando a origem indígena, com a grafia apresentada por Serejo, conservando o significado também. Já no glossário de Clerot (2011), temos referência à forma adulterada *quecê* derivado de *kysé*, que tem o mesmo significado. O autor faz menção à influência na toponímia no estado de Amazonas.

Num cenário pós-guerra e efervescência econômica, a região de fronteira transformou-se numa terra de ninguém. Sem a presença de autoridades governamentais, brasileiros e estrangeiros travavam uma luta pela posse de terra, favorecendo o aumento da violência na região (SILVA, 2010).

Havia ainda a violência por parte dos patrões, denunciada por Serejo, que não poupava detalhes:

Sacou o revólver e disparou.
A bala varou os dois olhos. Não morreu. Ficou cego, totalmente cego...
(SEREJO, 1990, p. 16)

A respeito da violência na fronteira, Centeno (2007) afirma que

foi causada pelas próprias condições materiais que marcaram a sua ocupação e a sua colonização, associadas ao arrendamento de grandes extensões de terras pela Companhia Matte Larangeira e à imposição do trabalho compulsório, de início, à luta desigual pela posse da terra, em seguida, e à expropriação indígena. As causas da violência não foram analisadas em seus fundamentos, não foram buscadas, decididamente, nas relações de produção, nem referidas à luta de classes. A cisão e o antagonismo entre capital e trabalho geravam a violência. (CENTENO, 2007, p. 231).

Mesmo que de forma não aprofundada, vemos em Serejo o olhar além dos registros de cunho econômico da Mate Larangeira e do estado de Mato Grosso do Sul de modo geral, busca dar atenção às cunhas, ao caraí, verdadeiros constituintes de nossa história.

4.1.9. Tembi'u [tēbi'u]

Se o mineiro, barbacuazeiro ou monteador, dele [caa-caigue] fizessem uso, ao entdardecer, antes da tembi'u, ficavam “marcados”, passavam a ser mal vistos... não só, mal vistos, mas detestados. (SEREJO, 1990, p. 44)

O trecho acima revela como a região de fronteira tem seus costumes e credíes muito firmados. O *caa-caigue*, por nós inserido, refere-se ao mate adoçado com açúcar. Havia toda uma superstição em torno do mate doce, sendo considerado uma verdadeira ofensa ao patrão por parte da peonada – abarcando aí o mineiro, barbacuazeiro e monteador –, caso a consumissem, um verdadeiro ato de um “sin-berguenza” [sic] (SEREJO, 1990, p. 44) ou afeminado.

Mate doce afemina o homem, transformando-o num molenga e até... num desfibrado. Mate dulce só serve para mulher parir [...] (ibidem)

O *tembi'u* representa o momento da comida, da refeição, como traz o próprio autor e é referenciado por Dooley (2006), como simplesmente comida. O afixo 'u carrega a acepção de ingerir, consumir, beber. Nos dicionários de LP não há nenhuma menção ao termo ou derivações.

Esse termo constitui um importante aspecto cultural do estado de Mato Grosso do Sul: a culinária. Existe toda uma norma que rodeia as ervas de tereré, o modo de servir, de agradecer. Serejo traz vários relatos sobre esses momentos que revelam costumes que perduram ainda hoje.

Serejo ainda denuncia outra situação de abuso no erval: apesar do enorme esforço físico despendido nas diferentes funções e dos riscos que corriam diariamente, os trabalhadores recebiam apenas o estritamente necessário para se manter. Pode-se afirmar que o padrão de vida pouco exigia de seus patrões. O que determinava, portanto, o valor de seu trabalho, eram somente os elementos físicos, as necessidades naturais, como alimentação, moradia, em condições totalmente precárias.

4.1.10. Tupã [tup'ẽ]

Quando se realiza um mongaray, numa ranchada ervateira com a presença de um padre, ou somente com os padrinhos escolhidos – esse dia fica sendo sagrado, porque tupã angeimbyre, esteve presente.(SEREJO, 1990, p. 23)

O termo mongaray apresentado nesse trecho refere-se ao sacramento do batismo. Apesar do intenso contato com outras culturas e crenças, é o catolicismo imposto que predominava na região de fronteira. A religiosidade de Serejo – marca bastante forte que é revelada em suas obras – o fazia aceitar todas as dificuldades da vida com resignação.

O termo composto *tupã angeimbyre*, sendo o primeiro termo bastante recorrente na toponímia, como no estado de São Paulo e de Pernambuco, refere-se a “inspiração de Dios”, de acordo com Serejo, em seu glossário.

Nos dicionários de LP consultados encontramos as duas variantes: *tupá* e *tupã*, tendo como origem o tupi, ambas com a significação de Deus, de entidade relacionada ao trovão.

O glossário elaborado por Clerot (2011) traz diversas acepções, a começar pela variante *tepá*, que etimologicamente significa o lugar dos estrondos, dos trovões, subentendido como céu. A composição se dá por *tu*, de tombo, queda, estrondo e *pá*, redução de *pába*, que remete-se a estância, lugar. *Tupã* também tem ligação teológica e era utilizado por catequistas católicos para exprimir Deus, cuja concepção não existia entre os indígenas antes da conquista. No guarani representa o som do trovão e Deus seria a representação de Júpiter.

Em Dooley (2006) encontramos como referência a *tupã*, o nome de divindade que rege o relâmpago e o trovão.

FIGURA 18 - Representação de tupã, o deus do trovão



Fonte: <http://www.portalholus.com/2012/12/tupa-e-erva-mate.html>

De acordo com Kaiovám, na crença Guarani, *tupã* é o Espírito do Trovão e Protetor da Chuva. Ele é parte da família do Grande Criador - *nhande rú ete* (Nosso Pai Verdadeiro) para os Guarani M'byá; *hande djara* (Nosso Senhor Altíssimo) para os Guarani Nhandeva ou *nhande rú vussú* (Nosso Pai Imenso) para os Guarani Kaiová.

De acordo com o autor é Tupã quem torna a terra fértil todos os anos através dos brilhos de fogo (*Tataendy*) raios e chuvas. Esse fato é cientificamente comprovado, uma vez que os raios energizam a terra para que ela se torne fértil. Para o Guarani existem duas estações de ano: o Recomeço (Primavera e Verão) e a Dormência ou Descanso da Natureza (Outono e Inverno). Tupã está associado à primeira.

Ainda de conforme esse autor, nas crenças de grande parte dos povos Tupi, *Tupã* é o Pai Maior, aquele que habitou a Terra. Todos os homens descendem de Tupã. Junto com Tupã, os principais Deuses são chamados de Mãe como *GuaráCy* (Mãe-Sol) que nos dá a sustentação no espaço e nos dá o calor; *JaCy* (Mãe-Lua) que nos dá os sonhos e a luz durante a noite e alguns elementos da Terra durante o dia, como a água, por exemplo; e *YbiCy*, a Mãe Natureza ou a Mãe-Terra.

São inúmeras as passagens em que Serejo faz menção religiosa, no contemplar da natureza, do ambiente do erval, observamos a manifestação de sua crença, de admiração pelo povo e pela cultura local. Reis (1980) traz dados das atividades serejianas de assistência social, seja por meio de atividades filantrópicas ou na administração de associações, nas ações para obtenção de recursos para a população.

Podemos retomar também a denúncia das situações de abuso no erval, como citamos anteriormente. Serejo, muito mais que crítico, foi um observador e apreciador do erval, soube conceber a pluralidade e fez questão de registrá-la para posterioridade. Ao se ler seu discurso, sua obra e ao se conhecer a região onde Serejo viveu, percebem-se as múltiplas influências que lhe constituíram. É desse homem que reúne em sua vida e obra as fronteiras entre a dificuldade e a superação, a convivência e o conflito, o brasileiro e o paraguaio, a indignação e a resignação, o ilustre e o anônimo, o precário e o desenvolvido, a prosa e a poesia que buscamos tratar.

Nesse capítulo, apresentamos uma amostra das palavras de origem da LG mais representativas do corpus de estudo, selecionadas para as análises. Esse levantamento possibilitou-nos a observação dos fenômenos ocorridos nos empréstimos linguísticos dos quais Serejo fez uso para retratar fielmente o vocabulário e a cultura do erval, incluindo o processo de modificações e a verificação sobre a padronização léxico- gramatical.

Em seguida, apresentaremos as Considerações Finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho buscamos analisar as memórias de Hélio Serejiana, obra *Caraí Ervateiro* e identificar nela a influência da língua Guarani no vocabulário dos ervais na fronteira sul de Mato Grosso com o Paraguai. Para tanto, realizamos uma abordagem histórica que contemplou dados desde a Guerra do Paraguai, passando pelo período de exploração da erva mate, percorrendo até os dias atuais.

Hélio Serejo, desde os primeiros contatos que teve com os trabalhadores do erval, os caraís, alimentou grande curiosidade por suas vivências: as mortes, as doenças e as próprias atividades ali exercidas, os momentos de festa, as rodas de tereré, os causos. Enquanto acompanhava essas vivências, as registrava. O resultado dessa convivência são obras riquíssimas, onde os leitores podem observar todos os movimentos descritos minuciosamente através da dinâmica social.

Descobrimos assim muitas possibilidades de análise, de inúmeros elementos que ao serem relacionados à teoria, trazem à tona muito da história de Mato Grosso do Sul. Nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar os termos de origem Guarani empregados na escrita do autor sul-mato-grossense Hélio Serejo, especialmente na obra *Caraí Ervateiro*, como expressão de identidade da região fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, mais precisamente aqueles relacionados à cultura do erval. O recorte voltado ao idioma se deve à possibilidade de formar compostos e derivados com grande facilidade, como observamos durante as análises, dessa forma, garante uma forma diferenciada do pensamento, claramente verificada na obra serejiana.

Como objetivos específicos procuramos conhecer o processo de formação da variante e a construção do sentido no texto, visto as múltiplas acepções e a riqueza do vocabulário da fronteira.

No decorrer da investigação, apresentamos as palavras que manifestam de forma incisiva a interferência do Guarani no vocabulário dos falantes do erval e de que forma construiu-se o sentido das mesmas, evidenciando todos os processos sofridos a fim de adaptação ao contexto.

Desse modo, o referencial teórico apresentado iluminou o relato do autor e possibilitou que dele extraíssemos discussões que estavam subjacentes. Esperamos que nosso estudo contribua para que as histórias e memórias locais ultrapassem as *orillas* da fronteira e que estudos posteriores abranjam a análise das demais obras e seja possível trazer à tona novas discussões e um aprofundamento das considerações aqui levantadas.

Além disso, esperamos, em breve, construir um glossário com todos os itens lexicais “estrangeiros” utilizados na obra de Serejo a fim de auxiliar os seus leitores na apreciação e compreensão da sua obra.

REFERÊNCIAS

ABREU, S. **Planejamento governamental: a Sudeco no espaço mato-grossense contexto, propósitos e contradições**. 2001. 323f. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://lajh.unm.edu/handle/10229/35132>> Acessado em 26/10/2018.

ANASTACIO, E. B. A. **Hélio Serejo: escritor ervateiro, misto de homem-cruza campo e trota-mundo**. Revista Histórica, v. 8, n 16, 2016.

ARRUDA, G. **Frutos da Terra**. Os Trabalhadores da Matte Larangeira. Editora UEL. Londrina, 1997.

_____. **O trabalho paraguaio na Matte Larangeira**. Arca Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande Ms, Campo Grande - MS, v. 4, p. 44-47, 1993.

Atlas Agropecuário 2017. Disponível em <<http://atlasagropecuario.imaflora.org/>> Acesso em 20/12/2018.

Aurélio, B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positiva, 2ª edição. Disponível em www.uol.com.br. Acesso em 25/11/2018.

AYLWIN, J. **Os direitos dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul, Brasil: Confinamento e tutela no século XXI**. Grupo Internacional de Trabalho sobre Assuntos Indígenas (IWGIA) e Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). V. 3, 2009. Disponível em: http://servindi.org/pdf/Iwgia_Informe3.pdf Acesso em 25/11/2018.

BARROS, A. L. E. C. **Fronteira(s) Paraguai/Brasil: narrativas sobre (de)colonialidade, culturas, línguas e identidades**. Editora Pontes, Campinas, 2017.

BASILIO, M. **Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. **A estrutura mental do léxico**. In: ESTUDOS DE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A.Queiroz/Edusp, 1981.

_____. **Fundamentos da Lexicologia**. In: Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Teoria lingüística:** lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro : LTC, 1978.

BORBA SEÑAS. **Señas** - Dicionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAUCKS, N. C. M.; BARZOTTO, L. A. **O Crioulismo de Hélio Serejo:** uma representação literária do regionalismo no Mato Grosso do Sul. Revista Revell, v. 1, n. 2, 2011.

CALVET, L-J. **Nouvelles perspectives sur les politiques linguistiques:** les poids des langues. Gragoatá 32, Política e planificação lingüística. 2012.

CARDOSO, S. A. M. **O Atlas Lingüístico do Brasil:** uma visão crítica dos caminhos seguidos e perseguidos. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Lingüística Histórica, Universidade de São Paulo, São Paulo, fev. 2012.

_____. **Geolingüística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Geolingüística no terceiro milênio:** monodimensional ou pluridimensional? Revista GELNE, Fortaleza, v.4, n.2, 2002. Disponível em: Acessado em 02/12/2018.

CARDOSO, S. et al. **Atlas Lingüístico do Brasil**. Londrina: Eduel, . v. 2, 2014.

CENTENO, C. V.. **A educação do trabalhador nos ervaís de Mato Grosso (1870- 1930):** crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura. Dissertação de Mestrado. Campo Grande: UFMS, 2000.

CLEROT, Leon F., **Glossário Etimológico Tupi/Guarani**. Brasília, Edições do Senado Federal, 2011.

Comitê Intergovernamental Coordenador dos Países da Bacia do Prata (CIC). Disponível em <https://projetoscic.org/a-bacia-do-prata> . Acesso em 02/12/2018.

CORRÊA, L. S. **A Fronteira na História Regional:** o sul de Mato Grosso (1870- 1920). Tese de Doutorado. USP, 1997.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. DOOLEY, Robert A.. Introdução, Esboço Gramatical, Léxico. Cuiabá, 2006.

_____. **Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guaraní Contemporânea**. 2008. www. Léxico Guaraní: Dialeto Mbyá. Disponível em <gramaticaGuaraní.com.br>. Acesso em 23/09/2018.

DUBOIS, J. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ELIZAINCÍN, A. **Oito considerações sobre o contato linguístico**. In: ESPIGA, J. Español y português: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos. Pelotas: Educat, 2008.

FARACO, C. A. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FERRAZ, A. **O panorama linguístico brasileiro**: a coexistência de línguas minoritárias com o português. In: Filosofia e Linguística portuguesa. São Paulo: Humanitas. 1997.

FERREIRA, A. C. **Políticas para Fronteira, História e Identidade**: a luta simbólica nos processos de demarcação de terras indígenas Terena. Revista Mana. v. 15, n. 2, 2009.

FERREIRA, T. P.; BUENO, E. S. **Um estudo linguístico de marcas de oralidade presentes nas obras de Hélio Serejo**. Anais do ENIC, 2014.

FREITAS, C. J. **Léxico, cultura e sociedade**: um estudo do léxico rural da Serra do Cipó – MG. Cadernos do CNLF, Vol. XV, n. 5. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

GEERTZ, C. **Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados**. In, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GUILLÉN DÍAZ, C. **La lexiculture: d'un concept instrumental à un outil d'intervention en didactique des langues**. In: LINO, M. T ; PRUVOST, J. (Org.) Mots et lexiculture. Paris: Honoré Champion, 2003.

GUSDORF, G. **Conhecimento interdisciplinar**. Lisboa: Mathesis, 1992.

Houaiss, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Disponível em <www.uol.com.br>. Acesso em 28/10/2018.

JACINTO, B.; BUENO, E. S. **Inovação lexical**: a presença de neologismos na obra 'Balaio de Bugre' de Hélio Serejo, um olhar sociolinguístico. Anais do ENIC, 2014.

JESUS, L. A. **ERVA-MATE**: o outro lado. Tese de Doutorado. UFGD, 2010.

_____. **Erva-mate**: o outro lado – a presença dos produtores independentes no antigo sul de Mato Grosso (1870-1970). Dissertação de Mestrado. UFGD, 2004.

LOBATO, A. S. ; CARVALHO, D. R.; SILVA, M. A. ; BRITO, M. S. D. **A Formação Histórico-territorial do Mato Grosso, as Transformações e Impactos Decorrentes da Expansão da Soja**. Para onde? (UFRGS), v. 1, 2010.

MARANHÃO, S. M. **Ciência das Línguas ou dos Textos?** XIII Encontro Regional de Estudantes de Letras – Filologia. 2011.

MARTINES, L. C. A. **Populações indígenas no Mato Grosso do Sul:** Um estudo sobre a cooficialização da Língua Guarani em Tacuru/MS e seus desdobramentos políticos e pedagógicos no contexto escolar. Revista Terra Plural – UEPG, v. 8, n 2, 2014.

MATORÉ, G. **Méthode en Lexicologie:** domaine français. Paris: Marcel Didier, 1953.

Michaelis, **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos. Disponível em <www.uol.com.br> Acesso em 21/012/2018.

MIGNOLO, W. D. **A colonialidade de cabo a rabo:** o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

MONTEIRO. M. E. B. **Levantamentos históricos sobre os índios Guarani Kaiwá.** FUNAI. Rio de Janeiro, 2003.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. 2002. **Vocabulario de la lengua guaraní (1640).** Transcrição e transliteração por Antonio Caballos. Introdução por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG. 407_____. 1993. Arte de la lengua guaraní (1640). Edição fac-similar. Transcrição por Antonio Caballos. Introdução por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG, 307 pp.

OLIVEIRA, E. J.; ESSELIN, P. M. **Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina:** da Província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso. Espaço Ameríndio, v. 9, n. 3, p., 2015.

PACHECO, M. R. **Comarca oral em Hélio Serejo.** Revista do Cerrado, v.2, n. 35, 2013.

_____. **Lendo Hélio Serejo e partilhando da sua literatura.** XXVI UNIARTE, 2010.

QUEIROZ, P. R. C. **A grande empresa conhecida como Mate Laranjeira e a economia ervateira na bacia platina (1882-1949):** notas preliminares. In: DANTAS, C.; ABREU, M. (Org.). Primeiro Encontro de Pós-doutores do PPGH/UFF, 2010.

RAJAGOPALAN, K. **O conceito de Identidade em linguística:** é chegada a hora de uma consideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicada.: São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

REIS, R. C. P. **Variação linguística do Português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do atlas linguístico-contatual da fronteira entre Brasil/Paraguai**. Tese de Doutorado, UEL, 2013.

_____. **Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS-ALiPP**. Fórum Internacional da Diversidade Lingüística, 2007.

ROCHA, P. G. **Português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais**. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2008.

SANTOS, P. S. N. **Regionalismo e literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai**. Revista Desenredos, v. 2, n. 5, 2010

_____. **Viventes dos pantanais e cerrados**. Revista Raído, v. 4, n. 8, 2010. SEREJO, H. **Caraí**. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO

GROSSO DO SUL. Obras completas de Hélio Serejo – Vol. 6. Campo Grande: IHGMS, 2008

_____. **Contos Crioulos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

_____. **Caraí Ervateiro**. Tupi Paulista, SP: Ed. Versiprosa, 1990

_____. **Pelas orilhas da fronteira**. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. Obras completas de Hélio Serejo – Vol. 5. Campo Grande: IHGMS, 2008.

_____. **Obras completas**. (org.). Hildebrando Campestrini. Campo Grande-MS: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008.

_____. **Textos esparsos e Glossário**. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. Obras completas de Hélio Serejo – Vol. 9. Campo Grande: IHGMS, 2008.

SILVA, A. F. **O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira - Hélio Serejo**. UFMS, 2010 Dissertação de Mestrado, UFMS.

SILVA, M. F. **A conquista da escola: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil** Brasília, v. 14, n. 63. Disponível em <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/944/849>> Acessado em 27/10/2018.

SMANIOTTO, C. R. **Mapa das áreas Guaraní e Kaiowá no Estado de Mato Grosso do Sul localizadas por municípios**. Geoprocessamento do Programa Kaiowá/Guarani, NEPPI, UCDB, 2005.

STEFANES, I. **Retórica e argumentação: fundamentos para a análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo**. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2006.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

TENO, N. C. **Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo**. Dissertação de Mestrado, UFMS, 2003.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

VILELA, A. F. **Entre fronteiras e balaies: a literatura bugresca de Hélio Serejo**. Dissertação de Mestrado. UFMS, 2017.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. 5. ed. The Hague: Mouton, 1967.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXO A

A LENDA DA ERVA MATE

Contam os mais velhos que em algum lugar no meio das coxilhas, vivia uma tribo guarani cujo cacique tinha muita fama de valentia, bravura e sabedoria. Era um exemplo para seus comandados. Todos os índios queriam ser como ele, lutar como ele, caçar como ele, ter o conhecimento de tudo o que ele sabia. Outro motivo de orgulho para o cacique era a sua linda e formosa filha, **Caá-Yari**, muito admirada pelos jovens guerreiros.

Mesmo com tantas razões para ser um homem ativo e feliz, o chefe índio andava acabrunhado, triste... Uma tristeza vinda lá do fundo da alma. O cacique estava se enveredando pelos caminhos da velhice e tinha medo de ficar sozinho.

Além disso, estava preocupado com sua sucessão. Não tinha filho homem e precisou escolher para sucedê-lo o mais valoroso entre os guerreiros da tribo. Justo o bravo pela qual sua filha Caá-Yari estava apaixonada. Era um grande problema a afligi-lo. Pela lei dos guaranis, a mulher do chefe da tribo tinha de acompanhá-lo em quaisquer de suas viagens, fossem caçadas, fossem batalhas, fossem missões de paz ou a busca de novas terras. Assim, se Caá-Yari casasse com o guerreiro escolhido para se tornar o novo cacique, muitas vezes teria que se ausentar da tribo. Com a filha longe, o velho chefe não sabia se ia agüentar continuar vivendo.

Caá-Yari conhecia as apreensões do pai. E para não magoá-lo, a bela índia amava seu adorado em segredo. A filha zelosa sabia que, só com o pensamento de vê-la longe, o cacique caía numa melancolia danada.

O desprendimento de Caá-Yari era percebido pelo chefe indígena. Sua dor e angústia eram tantas que decidiu procurar TUPÃ, o Grande Pai, aquele que costuma ordenar todas as coisas do mundo. O cacique tinha consciência de que não poderia exigir a presença da filha ao seu lado para sempre e pediu a Tupã que lhe desse um companheiro para as horas de solidão. Como forma de atender o pedido, Tupã mostrou ao cacique uma árvore grande, de folhas verdes. Dessa árvore mandou que o

índio retirasse, secasse e torrasse as folhas, fazendo com elas uma bebida amarga e quente, mas deliciosa. Seria sua companhia para quando ninguém estivesse junto a ele. Para preencher o vazio da saudade. E assim foi criada a **erva-mate**.

Tupã também ensinou o cacique a partir o porongo e a fazer um canudo de taquara. Junto com a erva, surgiram a cuia e a bomba do chimarrão. Arraigando-se ao hábito da nova companhia, o cacique pôde finalmente confirmar seu sucessor como legítimo líder da tribo e, ao mesmo tempo, abençoar a união dele com sua filha. Agora, quando os dois jovens estivessem longe, o velho índio teria sempre ao seu lado o antídoto para espantar a tristeza.

Por ter sido a razão principal do surgimento da erva-mate, Caá-Yari passou a ser o espírito protetor dessas árvores.

Fonte: <http://www.portalholus.com/2012/12/tupa-e-erva-mate.html>